



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

GEANINE SABADINI

**UMA ILHA NA IMPRENSA BRASILEIRA:
O OLHAR DO JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RS)
SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA**

ERECHIM

2014

GEANINE SABADINI

**UMA ILHA NA IMPRENSA BRASILEIRA:
O OLHAR DO JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RS)
SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciado em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul.**

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga.

ERECHIM

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Sabadini, Geanine

Uma ilha na imprensa brasileira: O olhar do jornal Diário de Notícias (RS) sobre a Revolução Cubana/ Geanine Sabadini. -- 2014.
80 f.

Orientador: Gerson Wasen Fraga.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim, RS, 2014.

1. Revolução Cubana. 2. Jornal Diário de Notícias (RS). 3. História. 4. Imprensa. I. Fraga, Gerson Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

GEANINE SABADINI

**UMA ILHA NA IMPRENSA BRASILEIRA:
O OLHAR DO JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RS)
SOBRE A REVOLUÇÃO CUBANA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 28/11/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS

Prof. Dr. Gerson Luis Egas Severo – UFFS

Prof. Dr. Charles Sidarta Machado Domingos – IFSUL/Charqueadas

Dedico este trabalho a minha irmã Carine Sabadini, a eterna e incondicional incentivadora dos meus sonhos, presente ao meu lado em todos os momentos e a pessoa responsável pelo que há de melhor em mim.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas as quais devo verdadeira gratidão e, neste momento, qualquer palavra, por mais sincera que seja, parece não atingir a real dimensão de seu significado.

Primeiramente, agradeço ao Professor Gerson Wasen Fraga, orientador deste trabalho e minha grande referência de educador nestes anos de graduação. Mais do que um professor, foi um verdadeiro pai, pois sempre me acolheu de braços abertos, me conduzindo pelos caminhos da pesquisa com paciência e maestria. Suas intervenções neste estudo foram sempre esclarecedoras e valiosas, assim como seu apoio e incentivo à execução deste trabalho mostraram-se fundamentais.

A todos os professores do Colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, por todo o esforço em transmitir e construir conhecimento, de forma segura e paciente. Pela experiência docente que nos transferiram, com o entusiasmo e profissionalismo necessários para que continuemos acreditando na Educação e lutando por um Ensino de História de qualidade.

Com muito carinho e imensurável gratidão, dedico não só este trabalho como a conquista da graduação, à minha família: minha irmã, Carine; minha mãe, Terezinha; e meu pai, Ibanor. Agradeço o apoio e tudo que sempre fizeram por mim. Por me ensinarem o valor da simplicidade e do afeto, fundamentais na construção do meu caráter. Reconheço o esforço incansável de meus pais e minha irmã, assim como os sacrifícios que fizeram para que pudessem me auxiliar durante a graduação, com todo o amparo material e emocional que precisei. Certamente, minha família é tão merecedora desta conquista quanto eu.

Minha gratidão também se dirige a todos os colegas e amigos que encontrei nestes cinco anos de graduação, com especial carinho aos colegas da turma 2010, a primeira turma de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim. Entre estes, destaco com afeto aqueles que, junto comigo, foram denominados como os “Quinta Série”: Ariane, Cristiano, Daiana, Henrique, Marciano, e uma das pessoas mais incríveis que já conheci, Tamires. Foram inúmeros momentos compartilhados e tenho a plena certeza de que aprendi muito com todos e levarei comigo as lembranças de uma ótima fase da minha vida.

Agradeço, de igual forma, a todos os alunos e às instituições escolares em que realizei os estágios curriculares. Obrigada pela oportunidade e por fazerem parte dos primeiros passos da minha caminhada docente.

RESUMO

Esta monografia é resultado de uma pesquisa realizada no jornal *Diário de Notícias* (RS), representante da grande imprensa, acerca das notícias e artigos sobre a Revolução Cubana veiculados entre 1958 e 1960. Nesse bloco temporal de três anos analisamos a recepção do processo revolucionário cubano e a imagem que este periódico difundiu sobre Cuba no Brasil. Também consideramos a produção de livros e artigos de intelectuais que trataram do tema da Revolução Cubana, da imprensa, das relações de Cuba com o Brasil e a América Latina, da influência exercida pelo processo cubano na luta política brasileira e internacional, e dos líderes revolucionários, como Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, entre outros temas abordados ao longo dos anos em que o periódico destacou este processo. O objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo do jornal *Diário de Notícias* referente à Revolução Cubana, a fim de conhecer as representações e interpretações que este periódico forneceu aos brasileiros, bem como a imagem que o jornal traçou da ilha caribenha e as polêmicas que foram suscitadas. Neste sentido, este estudo também busca identificar os processos de construção das imagens e afirmações referentes à Revolução Cubana, com o posterior estabelecimento de posicionamentos sobre o tema; analisar as motivações destes posicionamentos e descrições, caracterizar as ideologias presentes nos discursos do jornal, compreender os debates gerados no solo brasileiro acerca dos episódios vividos em Cuba e interpretar as possíveis repercussões daqueles acontecimentos na sociedade e cultura brasileiras. Portanto, analisamos alguns aspectos metodológicos combinados a resultados de pesquisas na imprensa. Mais do que fazer uma história comparativa, buscamos uma história conectiva, que vá além de elementos causais e de efeito e que trabalhe com vários mundos: o socialista soviético, o capitalista norte-americano e o latino-americano. Realizamos um breve histórico a respeito do jornal *Diário de Notícias* e, ao final do trabalho, analisamos as representações do periódico sobre diferentes aspectos do processo revolucionário, e como elas contribuíram para a construção da imagem da revolução na opinião pública brasileira.

Palavras-chave: Revolução Cubana. Jornal *Diário de Notícias* (RS). História. Imprensa.

ABSTRACT

This monograph is the result of research conducted in the newspaper *Diário de Notícias* (RS), representative of the mainstream media about the news and articles about the Cuban Revolution aired between 1958 and 1960. In three years time block analyze the reception of the Cuban revolutionary process and the image that this periodic spread over Cuba in Brazil. We also consider the production of books and articles of intellectuals who addressed the issue of the Cuban Revolution, the press, the Cuban relations with Brazil and Latin America, the influence of the Cuban process in the Brazilian and international political struggle, and revolutionary leaders such as Fidel Castro and Ernesto "Che" Guevara, among other topics discussed over the years in which the journal highlighted this process. The objective of this paper is to analyze the contents of the newspaper *Diário de Notícias* referring to the Cuban Revolution, in order to know the representations and interpretations of this journal provided the Brazilians, as well as the image that the newspaper traced the Caribbean island and the controversies that have arisen. Thus, this study also seeks to identify the processes of construction of the images and statements pertaining to the Cuban Revolution, with the subsequent establishment of positions on the issue; analyze the motivations of these positions and descriptions to characterize the ideologies present in the discourse of the newspaper, understand the debates generated in Brazil about the episodes lived in Cuba and interpret the possible repercussions of those events in Brazilian society and culture soil. Therefore, we analyze some methodological aspects combined the results of research in the press. More than a comparative history, we seek a connective story that goes beyond the causal elements and effect and to work with multiple worlds: the soviet socialist, capitalist american and latin-american. We conducted a brief history about the newspaper *Diário de Notícias* and at the end of the paper, we analyze representations of the journal about different aspects of the revolutionary process, and how they contributed to the construction of the image of the revolution in brazilian public opinion.

Keywords: Cuban Revolution. *Diário de Notícias* (RS). History. Press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA E INSTRUMENTO IDEOLÓGICO...14	
1.1 IMPRENSA E HISTÓRIA: ELOS E VINCULAÇÕES.....	14
1.2 IMPRENSA, IDEOLOGIA E SUAS FUNÇÕES HEGEMÔNICAS.....	19
1.3 IMPRENSA: INSTRUMENTO CULTURAL E MECANISMO DE PODER.....	24
2 REVOLUÇÃO CUBANA E A TRAJETÓRIA DO JORNAL <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> (RS).....	30
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO CUBANA.....	30
2.2 HISTÓRICO DO JORNAL <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> (RS).....	40
3 A REVOLUÇÃO CUBANA SEGUNDO O JORNAL <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> (RS)....	47
3.1 EDITORIAIS.....	47
3.2 BOLETIM INTERNACIONAL.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
LOCAIS DE PESQUISA E FONTES.....	76
REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o conteúdo do jornal gaúcho *Diário de Notícias* referente à Revolução Cubana no período entre 1958 a 1960,¹ a fim de conhecer as representações e interpretações que este periódico forneceu aos brasileiros, sobretudo a imagem que o jornal traçou da ilha caribenha e as polêmicas que foram suscitadas. Neste sentido, pretendemos realizar a identificação dos processos de construção das imagens, afirmações e posicionamentos referentes à Revolução Cubana, bem como uma análise das motivações destes posicionamentos e descrições. Buscamos realizar a caracterização das ideologias presentes nos discursos do jornal, compreendendo os debates gerados no solo brasileiro acerca dos episódios vividos em Cuba, bem como a interpretação das possíveis repercussões daqueles acontecimentos na sociedade e cultura brasileiras.

A presente monografia integra-se a um movimento crescente na historiografia brasileira: o emprego de jornais enquanto fonte de pesquisa e a utilização do texto - ou o discurso do jornal - como objeto de pesquisa. A partir da década de 70, inicia-se uma orientação no sentido de conceituar o jornal não unicamente como fonte, mas também como objeto. Evidenciam-se, nesta fase, as produções de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado², como um legado nas pesquisas consideradas exemplares sobre imprensa e ideologia.

Essas análises são motivadas pela alteração no entendimento do conceito de documento, apresentada pela chamada “Nova História”, com a adição de fontes visuais e orais. Essa mudança gerou a compreensão de que todo documento resulta de uma construção - seja ela consciente ou inconsciente - da sociedade na qual é produzida, como consequência de relações de conflito entre forças que buscam a imposição de uma imagem da realidade que atenda a determinados interesses. Devemos considerar, ademais, outros elementos que indicam trajetórias no sentido da utilização dos jornais como fonte de pesquisa. Entre eles, estão algumas linhas de investigação que possibilitem aberturas para tendências como a História Cultural e a História Política.

Neste sentido, ampliaram-se as pesquisas relacionadas à imprensa, em uma

1 O primeiro, ano de grande turbulência no país e antecedente à tomada de Havana por Fidel; e o último, ano em que a revolução delimitava suas primeiras transformações estruturais.

2 CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo**: imprensa paulista (1920-1945). São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

multiplicação de artigos e livros, trazendo biografias de jornalistas e também diversos estudos de temas gerais. No caso do Rio Grande do Sul, o mesmo processo ocorre em circunstâncias espaço-temporais semelhantes ao restante do país. Cláudio Pereira Elmir em *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*³, destaca a importância de “ter presente que nós pesquisadores não somos os leitores-modelo do jornal. Nós somos leitores empíricos de um jornal que teve outros leitores empíricos no momento em que ele circulava” (1995, p. 22). O artigo de Elmir trata especificamente da questão de se trabalhar com os jornais como fonte, iniciando sua explanação lembrando que

A imprensa não informa história, simplesmente. Se fosse assim, a história enquanto campo de investigação precisaria apenas se apropriar dos dados fornecidos pelos jornais. E quem já não pensou em retirar das páginas de um periódico os elementos necessários para reconstituir um momento da história? (1995, p. 21)

Ao apresentar algumas especificidades da prática historiográfica que utiliza as fontes jornalísticas como elemento principal, Elmir (1995) identifica a necessidade de tomar certos cuidados com as possíveis abordagens:

O jornal jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade. O jornal, como um conjunto de páginas, é o receptáculo de textos que exigem de nós uma leitura diferente daquela que fazemos ao pegar o Correio do Povo, a Zero Hora, ou a Folha de São Paulo, todos os dias em nossa porta. (p. 19)

Trabalhar com a imprensa exige a definição do conceito de “imprensa”. Diante disso, destacamos o apontamento de Maria Helena Capelato (1980):

Instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (p. 19)

Desta forma, a imprensa não pode ser considerada neutra, isto é, apenas responsável por reunir as informações cotidianas e repassá-las aos ouvintes, telespectadores e leitores. Contudo, sendo um mecanismo de intervenção em variados âmbitos da vida, diretamente relacionada ao contexto temporal em que se insere e nas esferas em que se faz presente - econômica, cultural, política, entre outras -, é notável seu interesse em defender determinadas posições. Com forte atuação nos processos sociais e políticos, a imprensa de cada época busca

³ ELMIR, Cláudio Pereira. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*. **Cadernos de Estudo**. Porto Alegre, n. 13, PPGH/UFRGS, 1995.

construir a consciência coletiva de acordo com seus interesses e valores, assinalando uma orientação ao público e ao seu comportamento.

Estes e diversos outros estudos desconstruem a imagem de que os periódicos são meios utilizados para difundir informações de forma neutra, pois possuem uma posição e buscam defendê-la. No entanto, a defesa de determinada postura não é realizada de forma explícita. Rüdiger (1998) aponta que em situações de grandes rupturas, especialmente no decorrer da década de 30 e de 50⁴, o jornalismo apresentou seu caráter político de forma disfarçada, com informações amenas e, ainda assim, foi o suficiente para formar a opinião pública. O denominado “jornalismo informativo” continua presente, contudo a opinião permanece, agora camuflada por mudanças em seu formato.⁵

Ao tomar posições, o periódico torna-se um mecanismo ideológico e pedagógico, como ressalta Gerson Wasen Fraga. Segundo ele, na fase em que os periódicos se estabelecem como grandes empresas, assumem a função de propagar e divulgar os ideais da classe dominante. Concentrando este poder em um grupo homogêneo – concorrente dos veículos de informação de menor expressão - esta grande imprensa se constitui em uma relação de controle, local de privilégio na ação de formatar e acessar a opinião pública, bem como um precioso aparelho para manter a ordem sócio-econômica vigente.⁶

[...] os grandes jornais têm na conservação das estruturas nas quais se inserem, um limite bem demarcado, o qual não ultrapassam sob pena de entrar em contradição com sua condição de agentes de representação de interesses e intervenção na vida social. Assim, eventuais demandas populares encontrarão espaço em tal meio desde que não representem ameaça para a ordem social instituída. (FRAGA, 2004, p. 25)

Fraga (2004) também faz apontamentos acerca dos aspectos pedagógicos da imprensa, compreendendo o periódico enquanto instrumento para “educar” a opinião pública através das manifestações no conteúdo de suas páginas. Nesse sentido, o trabalho da imprensa parte de pressupostos relacionados a conceitos que carregam juízos de valor e que restringem-se a duas únicas abordagens fechadas e conflitantes entre si, ou seja, verdade *versus* mentira, civilização *versus* barbárie, bem *versus* mal. Desta forma, as informações são utilizadas como dispositivo capaz de intervir na vida social e como um produto atraente para o mercado leitor, de forma a doutriná-lo. Sendo assim, pode manipular e modelar a opinião pública e criar uma

4 Na década de 30, tem-se o advento do Estado Novo; enquanto que na década de 50, ocorre o suicídio de Getúlio Vargas.

5 RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1998, p. 66.

6 FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do Correio do Povo (1936-1939)**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História / UFRGS, 2004.

realidade que atenda a seus interesses, utilizando-se dos argumentos de neutralidade e imparcialidade política. Além disso, os grandes órgãos da imprensa empregam recursos visuais a fim de ressaltar o que pretende-se veicular. Lançando as bases de determinados valores na sociedade, os periódicos de maior disseminação se comportam como “veículos formadores de opinião pública”, forjando a construção de representações e sentimentos, como o patriotismo, por exemplo.⁷

A grande imprensa, além de ser um instrumento de intervenção na vida social, também é capaz de atuar segundo uma lógica de mercado própria, pelo fato de se tratar, estruturalmente, de empresas. A informação, enquanto objetivo fundamental da imprensa, apresenta a condição tanto de instrumento quanto de produto, agindo sobre o leitor como mecanismo de sedução e influência em sua percepção diante da realidade.⁸

Segundo Nelson Werneck Sodré, no Brasil esse movimento é percebido a partir do advento da república, da ascensão da burguesia e do incipiente desenvolvimento do processo capitalista no território nacional, culminando na formação da “grande imprensa” (1999, p. 215).⁹ Como já mencionado, ao assumirem o caráter de empresas, estas instituições estabelecem uma estrutura específica, com recursos e equipamentos relacionados à atividade gráfica e setores em que a divisão do trabalho possa ocorrer. O conjunto da grande imprensa passa a realizar a alteração gradual do folhetim para o sistema de colunas e, em seguida, estabelecem-se as reportagens, em um ambiente de propagação dos arranjos do capitalismo e a emergência de temáticas como as notícias policiais e os esportes.¹⁰ Ao falarmos especificamente sobre a trajetória do periódico gaúcho *Diário de Notícias*, elementos dessa modificação ficarão mais evidentes.

Neste contexto, as empresas que formam a grande imprensa partem em defesa dos grupos econômicos de maior poder, isto é, possíveis anunciantes, garantindo a circulação com um custo acessível aos leitores e que, ainda assim, permita a obtenção de equipamentos gráficos mais modernos para os periódicos. Ao se associar a esses grupos econômicos de maior poder, o órgão obtém as fontes necessárias para sua sobrevivência. Na mesma proporção, defende seus interesses – ainda que de forma inconsciente – utilizando-se de uma aparente neutralidade política.

Ao conceber a imprensa como um veículo de transmissão de informações dotado de

7 Id., Ibid., p. 29-32.

8 Id., Ibid., p. 33.

9 SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

10 Id., Ibid., p. 239.

interesses e posicionamentos, bem como um aparelho de manipulação de vantagens e manifestação na vida social, fica evidente o caráter empresarial deste segmento. Desta forma, é administrada pelos fundamentos da lucratividade, praticando um jornalismo capaz de formar a opinião pública.

A escolha do tema em questão originou-se no interesse em estabelecermos uma pesquisa acadêmica voltada a um processo revolucionário específico e suas representações na imprensa brasileira. Torna-se absolutamente intrigante a análise dos fatores que possibilitaram determinadas interpretações a respeito de uma revolução de cunho socialista em um mundo capitalista. Pelo fato de existir muita especulação sobre o sistema econômico cubano e de como vivia a população cubana no período abrangido pelo periódico, o processo revolucionário foi alvo de muita atenção por parte da imprensa.

As informações veiculadas pela grande mídia alimentaram o senso comum da época. É interessante verificarmos que muitos indícios deste período persistem na forma como a ilha é retratada na imprensa brasileira até os dias de hoje, motivando ainda mais esta pesquisa. Além disso, estudar a Revolução Cubana a partir desta recepção jornalística significa mudar o enfoque tradicional que visa afirmar o que aconteceu em Cuba, para um enfoque diferente, que visa refletir como a imprensa mostrava o que estava acontecendo em Cuba, como entendiam aquele fenômeno, que interpretação faziam e como achavam que aquele processo poderia transformar de forma negativa a vida e a sociedade brasileiras.

Neste sentido, o primeiro capítulo trabalha a imprensa enquanto fonte histórica, com os elos e as vinculações entre a imprensa e a história, suas relações com a ideologia e sua função hegemônica. O segundo capítulo traz uma breve contextualização da Revolução Cubana e um histórico do jornal *Diário de Notícias* (RS). Por fim, o terceiro capítulo faz a aproximação entre os elementos da Revolução Cubana e aspectos apontados no periódico utilizado, com análise dos editoriais e colunas internacionais, além de outros itens analisados nas pesquisas com as fontes.

1 A IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA E INSTRUMENTO IDEOLÓGICO

1.1 IMPRENSA E HISTÓRIA: ELOS E VINCULAÇÕES

A presente pesquisa tem como desafio a análise histórica do noticiário do jornal porto-alegrense *Diário de Notícias* a respeito de um processo político internacional: a Revolução Cubana, que ocorreu em 1959. Na configuração de diferentes áreas de pesquisa do pensamento social brasileiro nas últimas décadas e, particularmente, no campo da historiografia, é crescente a presença de estudos sobre a imprensa e/ou que fazem uso de jornais e outras publicações periódicas como principal fonte de pesquisa. Tais estudos, desenvolvidos sob a ótica de diferentes abordagens e procedimentos metodológicos, abrem-se para inúmeros campos teóricos. Cientes da importância crucial dos meios de comunicação de massa, a reflexão sobre a comunicação social e sua relação com os eventos históricos torna-se um campo interdisciplinar estratégico para a compreensão da vida contemporânea. Diante disso, é essencial nos posicionarmos de forma crítica diante da imprensa enquanto fonte historicamente construída, de acordo com a observação de Capelato¹¹ (1988):

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social. (p. 21)

Visto que a produção dos periódicos é realizada por indivíduos munidos de consciência diante de suas práticas sociais, a imprensa deve ser aplicada como fonte histórica partindo de uma problematização teórica acerca de sua intervenção na sociedade. Embora inúmeros jornais e outros meios de comunicação façam a defesa incisiva da imparcialidade, é notável a dificuldade em alcançá-la e, podemos dizer, a impossibilidade de conquistá-la. Durante muito tempo, a disputa entre teorias levou os historiadores a conceber a imprensa parcial como algo previsto, impossibilitando que esta fosse considerada uma fonte histórica de credibilidade.

No decorrer do tempo, os historiadores das novas gerações – especialmente os que desaprovavam a historiografia tradicional baseada em fatos – adotaram como postulado metodológico e teórico a noção de que o fundamental é que o historiador tenha uma visão

11 CAPELATO, Maria H.R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988.

crítica a respeito de uma fonte, independente de qual seja ela. Isto se deve ao fato de até mesmo os documentos considerados oficiais não figurarem como fontes inegavelmente confiáveis para o trabalho do historiador.

É em função da vida que se interroga os mortos. Compete, pois, ao historiador fazer reviver as personagens do passado, procurando entendê-las na sua época. Com essa nova postura, a história morta cede lugar a uma história viva que se propõe, como meta, captar as transformações dos homens no tempo. A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres” mas também os sujeitos anônimos. (CAPELATO, 1988, p. 20)

A historiografia atual parte da concepção que toda fonte histórica precisa ser questionada e problematizada. Estas questões precisam estar presentes, uma vez que nenhuma modalidade de documento é construída em situações desprovidas de debates e conflitos. Partindo destas análises, a imprensa foi reavaliada enquanto objeto da história e também como fonte. As perguntas passaram a girar em torno do questionamento que pode ser feito diante das fontes impressas, buscando obter outra visão sobre aspectos do passado histórico. Diante disso, ao emprendermos uma pesquisa em um periódico, precisamos examinar e compreender como é a intervenção deste jornal na sociedade, bem como quem são os editores e proprietários, quais os objetivos apontados e os caminhos da linha editorial.

Nas relações da história com a imprensa podemos destacar o campo da história da imprensa. Este, busca reconstruir o processo histórico dos órgãos de imprensa determinando suas principais características e atuações em um determinado período. Devemos notar que, no caso de realizar uma pesquisa histórica utilizando-se da imprensa enquanto fonte, é necessário considerar os pressupostos de uma análise da história da imprensa, pois é impossível tomá-la como fonte de estudo sem conhecer sua trajetória, seus posicionamentos políticos, vinculações e outros fatores determinantes. Nesse sentido, devemos lembrar que na imprensa a apresentação de notícias não é mera repetição de ocorrências e registros, nem causa direta dos acontecimentos. As informações são dadas seguindo os critérios e atitudes próprias de cada veículo.

Não buscamos informação histórica ao aplicar como fonte o *Diário de Notícias* (RS) nessa pesquisa. São inúmeros os trabalhos históricos sobre a Revolução Cubana, e estes teriam grande utilidade ao pesquisador em uma nova composição dos fatos. O periódico gaúcho foi considerado uma fonte de pesquisa, um local de exposição das interpretações que se transformavam em senso comum no espaço social brasileiro a respeito da Revolução

Cubana. No entanto, é necessário esclarecer que o conteúdo do jornal não se tornou integralmente um elemento do senso comum, ou ainda que o leitor tenha sido impregnado de forma desmedida pelas informações que circularam na imprensa, se consolidando como um dogma para as massas. Contudo, não podemos negar a função executada pela mídia na disseminação da ideologia dominante.

Consideramos um desafio a análise da repercussão causada por um acontecimento social de um país em outros, pois existem diversas fontes registrando a mesma informação de formas diferentes, bem como o elemento emocional que, na maior parte das vezes, não é documentado. É possível que a lógica universal e global do sistema capitalista permita o entendimento da grande difusão, presença e impacto internacional da Revolução Cubana. Esse panorama de análise, que se associa à noção de que os fenômenos históricos demandam ser investigados partindo das inúmeras relações que constroem com outros diversos aspectos do sistema e do mundo, sem depender da expressividade de um espaço determinado, também insere a importância da análise destes mesmos fenômenos e fatos como pontos de uma duração histórica longa. Envoltos neste horizonte, o impacto de um fato localizado no tempo e no espaço pode esclarecer a existência de ligações entre várias frações do mundo entre si.

Na análise do noticiário de um jornal de grande circulação como fonte histórica, é necessário observarmos que os embates de ideologias que se encontram no conteúdo dos periódicos e se apresentam, por um lado, com o encobrimento de determinados fatos históricos rotineiros, que poderiam ser essenciais para a construção de diferentes perspectivas, antagônicas àquelas expostas pelo jornal; e, por outro, com a ênfase desmedida a acontecimentos e assuntos previamente escolhidos. Isto posto, a imprensa desenvolve um cenário social e político para os leitores, um ambiente conduzido por omissões e, mais que isso, aprovações excessivas de fatos específicos, como sistematizou Fraga (2004):

Desta forma, entendemos que os grandes jornais, compreendidos enquanto instrumentos de manipulação e intervenção, atuam dentro de uma lógica de ocultação e imposição de perspectivas sobre a realidade; buscam a uniformização do pensamento através da atribuição de valores e adjetivações àquilo que é mostrado, operando não somente na criação de fatos para a opinião pública, mas também de interpretações sobre o mundo. (p. 15)

Fraga (2004) também destaca que a compreensão de uma “grande imprensa escrita” começa a “se delimitar a partir do momento em que o jornalismo de cunho político-partidário cede lugar para uma outra forma de jornalismo, composto por grandes empresas que

obedecem a uma lógica industrial de produção e estão ligadas à ascensão da burguesia.”¹² Essa modificação se realizou no início do século XX, com ênfase nos maiores centros urbanos. Rüdiger (1998) define o tempo e espaço em que essa transformação é confirmada – no caso dos periódicos porto-alegrenses – passando de um caráter inicial político-partidário em direção a um veículo de informação, no decorrer da década de 1930. Entretanto, as duas formas atuam como mecanismos interventores nos processos sociais e como um instrumento ideológico eficiente.¹³

Além de estar relacionada aos ideais da classe dominante, a imprensa também se comporta enquanto elemento dominante. Seu sentido é preservar um domínio ideológico também diante da concorrência. A autora Márcia Benetti indica que ao refletimos a respeito do discurso de gênero jornalístico, a direção apropriada é no sentido de uma perspectiva da comunicação, posto que os gêneros do discurso “são mais do que gêneros 'de texto', pois estão associados a condições específicas de produção, circulação e interpretação”, bem como “da comunicação 'construída', elaborada e institucionalizada”, diretamente associados com a linguagem, um gênero secundário. De acordo com Benetti (2007), “um discurso é essencialmente uma prática” e “se modifica ao longo do tempo e reflete as características da própria sociedade que o torna possível”¹⁴.

Os aspectos citados, interligados, fazem relação a uma interpretação que concebe a imprensa como instrumento de interferência na vida social, dominando e influenciando interesses, comprometida com uma ideologia e, dessa forma, portadora de demagogias, defensora das classes dominantes segundo a tendência política e o regime em vigor, preservando o conservadorismo característico da referência de direita, a partir de uma perspectiva do capitalismo. Se dirigindo aos “pesquisadores de jornal”, Elmir (1995) chama a atenção: “devemos fazer uma 'leitura intensiva' destes jornais e não 'uma leitura extensiva’”¹⁵. Segundo ele, o historiador precisa alcançar a “regularidade” ao manusear sua fonte, de modo que não ocorra o embasamento pautado em um único fragmento, separado do cenário integral da publicação, influenciando a investigação do trabalho: “em pesquisa com o jornal, a análise do maior número deve ser a primeira garantia para o não conhecimento do erro; ainda que não seja toda a garantia.”¹⁶

12 FRAGA, op. cit., p. 14.

13 RÜDIGER, op. cit., p. 70.

14 BENETTI, Márcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**. n. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

15 ELMIR, op. cit., p. 21.

16 Id., Ibid., p. 23

Além de ser um desafio, esta postura diante do jornal carrega algumas problematizações, pois pode ser questionável devido a possibilidade ou não de realizá-la, exatamente pela citada “leitura intensiva”. Contudo, é necessário definir o que envolve a leitura intensiva, bem como de que maneira deve ser elaborada, e como comprovar sua concretização. Elmir (1995) demonstra que “ler intensivamente é o que acontece com leitores cujo tempo de experiência da leitura não corresponde ao tempo da formulação do jornal”, tornando-se indispensável ultrapassar esta condição. É essencial a compreensão de que os pesquisadores não são os “leitores ideais” do periódico: não é exigido que diferenciem o falso e o verdadeiro, mas que tenham cautela para evitar a conversão de “textos-objeto de nossa análise em instrumentos de nossos pretextos” e, por fim, que é essencial o uso de fontes diversas para o direcionamento de resultados. Além disso, é importante atentar que o trabalho com a fonte periódica demanda cuidados específicos, considerando sua estrutura, materialidade e conteúdo sujeitos à problematização. Não podemos esquecer ou perder de vista que a matéria-prima da pesquisa é de âmbito opinativo e carrega uma perspectiva específica.

Jornais são obras coletivas, iniciativas que agregam uma composição de sujeitos, tornando esses projetos abrangentes, pois reúnem indivíduos voltados às mesmas crenças, valores e ideias que se intencionam transmitir, partindo da linguagem da palavra escrita. Neste sentido está a importância da identificação cuidadosa da linha editorial e do seu grupo responsável, do estabelecimento dos colaboradores mais frequentes, e da atenção para a seleção dos títulos e textos do programa. Estes elementos se referem a expectativas e intenções, bem como fornecem sinais relacionados à leitura de passado e visão de futuro aceita e reproduzida por seus defensores. Desta forma, os jornais contam com um projeto político, exposto cotidianamente ao leitor e, portanto, é um engano acreditar que o conteúdo do jornal, bem como sua “missão” sejam simplesmente informativos.

O uso do conteúdo do jornal *Diário de Notícias* (RS) necessita que levemos em conta seu posicionamento político, a distribuição interna das notícias e o momento político no qual se encontrava o Brasil. A Revolução Cubana exerceu um notável impacto sobre a opinião pública brasileira e latino-americana, sendo acompanhada com bastante interesse pela imprensa brasileira, principalmente pela dimensão política do evento. Nesse período, os jornais se apresentavam como espaços privilegiados para o debate dos problemas nacionais e para a formação da opinião pública, além de essencial fonte para o acompanhamento das

questões externas. Assim, o impacto dos acontecimentos internacionais no *Diário de Notícias* (RS) possibilita compreender as adversidades do período, não somente pertencentes ao episódio estudado, mas também em relação a cultura política que organiza, constrói e seleciona um contexto em que o “evento” esclarece os conflitos políticos, ideológicos e sociais, tanto no âmbito local como internacional.

1.2 IMPRENSA, IDEOLOGIA E SUAS FUNÇÕES HEGEMÔNICAS

Destacamos o apontamento de Eni Orlandi que compreende a ideologia enquanto uma “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (2001, p. 46)¹⁷. Percebemos, desta forma, como a noção de ideologia envolve tanto o condicionamento quanto a liberdade. Ela pode ser concebida como uma condição, mas também como um processo e, acima disso, como uma condição dada por um processo que a modifica. Hannah Arendt¹⁸ enuncia que

Uma ideologia é bem literalmente o que o seu nome indica: é a lógica de uma ideia. O seu objeto de estudo é a história, a qual a “ideia” é aplicada; o resultado dessa aplicação não é um conjunto de postulados acerca de algo que é, mas a revelação de um processo que está em constante mudança. (p. 624)

Desta maneira, podemos reconhecer a ideologia como um processo que modifica o imaginário e condiciona o indivíduo. Aqui o trabalho da imprensa é compreendido enquanto um ator social e político. Por isso, recorremos a observações não somente em relação ao papel político da imprensa, mas também da relação entre ela e a ideologia. Independente de concordarmos ou não com as opiniões manifestas nos periódicos, precisamos reconhecer a importância e validade das publicações, devido a uma série de motivos, como a sua influência para a história da imprensa, pelo reconhecimento do papel social e político desta, seja qual for a posição ideológica e pela fundamental necessidade de compreender os argumentos utilizados em diferentes perspectivas afim de melhor exercer a análise crítica.

Para além do caráter meramente informativo, consideramos a imprensa no âmbito de sua atuação social e política. Sodré (1999) chama a atenção para o papel desempenhado pela imprensa na sociedade capitalista:

(...) a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se

17 ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3. ed. 2001.

18 ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista em que aquele está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. (p. 1)

Ao pensarmos em considerações sobre o papel direto da imprensa, o suporte teórico de Antônio Gramsci¹⁹ é de grande valia. Segundo ele, a imprensa se insere no âmbito dos “aparelhos privados de hegemonia”. Estes aparelhos agem no nível da sociedade civil, no lugar onde se estabelecem as disputas pela hegemonia. Assim como a escola e a religião, a imprensa é um elemento básico na estruturação da hegemonia da classe dominante. Por estar relacionada aos interesses de uma determinada classe, a imprensa objetiva a satisfação das reivindicações da classe cujos interesses ela representa e defende. Simultaneamente, a imprensa produz e desenvolve essas necessidades, bem como forma seu público, ampliando gradativamente sua área de abrangência. Sendo assim, Gramsci denomina esse formato de ação como “jornalismo integral”. Dessa forma, o leitor surge não só como um componente ideológico, mas também econômico.

Por exercer uma grande importância na configuração hegemônica de uma determinada classe, a imprensa, segundo Gramsci, exerce a função de um partido político, pois atua na organização do desejo popular, possibilitando a construção e manutenção da hegemonia de uma classe em relação a outra. Assim sendo, a aparente imparcialidade do trabalho jornalístico é desprezada. Portanto, não concebemos a imprensa como neutra, e sim como uma prática portadora de atuação política, na medida em que manifesta os interesses de um determinado segmento da sociedade e age na direção de construir uma opinião pública positiva em relação a um projeto político determinado.

No caso específico de Cuba, em todos os críticos episódios envolvendo o processo revolucionário, os jornais brasileiros e, entre eles, o *Diário de Notícias* (RS) estiveram bastante presentes, conduzindo análises e produzindo debates sobre o futuro das relações entre a ilha e o restante do mundo. Dessa forma, podemos afirmar que a imprensa forneceu eficaz contribuição à formulação da imagem difundida sobre o a Revolução Cubana, atuando não apenas como fonte de informação, mas também de propaganda e pressão. Todo grupo social produz suas representações para fornecerem maior homogeneidade e consciência ao papel que cada um desses grupos específicos desempenham na sociedade. A área de atuação da grande imprensa corresponde à função de garantir o consenso ao projeto de dominação de determinada classe, através de diferentes frentes de intervenções existentes no meio social.

19 GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Desse modo, colabora diretamente com a dominação feita pela elite que dispõe do aparelho midiático através dos recursos de que dispõe.

Capelato (1988), indica as características da ideologia atrelada à imprensa e os movimentos realizados para conquistar o público-alvo:

Todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos. Na grande imprensa, onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são indispensáveis. A concorrência de mercado obriga cada jornal a enfrentar os adversários com as armas mais apropriadas à clientela que pretende atingir. (p. 15)

Em um sistema democrático, regularmente os confrontos políticos e as ações governamentais são públicos. Neste sentido, a imprensa tomou para si a responsabilidade de ser o recurso básico de difusão e debate a respeito destas controvérsias políticas e sociais. Contudo, é imprescindível refletirmos sobre os agentes e elementos que estabelecem e realizam a mediação deste debate – e que lugar ocupam na sociedade –, caso contrário presenciaremos a substituição de uma forma de dominação pela outra. Além disso, os embates políticos converteram a reflexão sobre a função da imprensa na sociedade ainda mais complexa e multiforme. A imprensa possui a atribuição de comunicar os fatos que carecem ser conhecidos por todos, nos mais diversos âmbitos sociais. No entanto, na maior parte das vezes, as empresas voltadas à comunicação recebem configurações de outras empresas privadas, assim sendo, portadoras de ideologias adequadas a determinada classe social. Dessa forma, um pequeno número de meios de comunicação possuem a ampla autoridade para escolher fatos e notícias que estarão registradas e impressas nos periódicos, representando um forte aparelho de inserção nos embates políticos e sociais. Isto é, a divulgação de fatos relacionados à política – uma das bases da democracia – em sua maior parte está submetida às empresas de comunicação.

A maneira como são narrados os acontecimentos favorece a adequação de uma versão dos fatos específica. Os métodos de narração empregados na constituição do conteúdo, ou seja, na passagem de eventos para notícias, desintegra a informação e atesta um fragmento único da realidade, como se este fosse a verdade dos fatos. Esse relato isolado passa a representar a realidade, configurando o real verdadeiro e, desta forma, quando interpreta e descreve um desconhecido banalizando-o, as imagens dominantes são legitimadas e a composição do rotineiro individual recebe evidência. Com a ação de manifestar e veicular determinadas opiniões e visões de mundo, os jornais se implantam em uma demarcação de

debates ideológicos na sociedade. Servimo-nos também do conceito de ideologia elaborado por Marilena Chauí²⁰:

A ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias). (p. 85)

Para compreender como esse processo ocorre, é necessário recordar que as classes sociais dividem a sociedade correspondente ao modo como os indivíduos relacionam-se com os meios de produção no tempo e em sociedades específicas, produzindo setores sociais diversos, ou ainda, como aponta Chauí (2001):

As classes sociais não são coisas nem ideias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho, instaurando formas determinadas da propriedade, reproduzem e legitimam aquela divisão e aquelas formas por meio das instituições sociais e políticas, representam para si mesmos o significado dessas instituições através de sistemas determinados de ideias que exprimem e escondem o significado real de suas relações. As classes sociais são o fazer-se classe dos indivíduos em suas atividades econômicas, políticas e culturais. (p. 53)

Na sociedade capitalista, a lógica de acumulação do capital sob as mãos de um pequeno número de pessoas reflete em uma movimentação social sistematizada no embate entre duas classes sociais: a burguesia e a classe trabalhadora. No século XX, a grande imprensa se configurou como um instrumento de exposição das notícias e fatos sociais. Em uma sociedade comandada pela burguesia, a grande imprensa se tornou um mecanismo burguês de difusão dos seus próprios interesses e opiniões, isto é, foi elemento do processo de construção da classe burguesa em relação a suas ações culturais e políticas. Na clássica obra *A Ideologia Alemã*²¹, Karl Marx e Friedrich Engels indicam aspectos importantes sobre a relação entre a ideologia da classe dominante e o trabalho da imprensa:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também a consciência e, por isso pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e a distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época. (1987, p. 72)

No mesmo sentido, Lênin²² aponta:

20 CHAÚÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

21 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

22 LÊNIN. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1988

Quanto à época moderna, a da vitória completa da burguesia, das instituições representativas, do sufrágio alargado (senão universal!), da imprensa quotidiana barata, que penetra nas massas, etc..., a época das associações poderosas e cada vez mais vastas, a dos operários e dos patrões, etc., mostrou, ainda com mais evidência (embora por vezes sob uma forma muito unilateral, “pacífica”, “constitucional”) que a luta das classes é o motor dos acontecimentos (1988, p. 26)

Existem inúmeros debates acerca do processo de estruturação dos ideais hegemônicos na sociedade. Neste sentido, diversas concepções foram abordadas pelos autores considerados marxistas, como consequência da organização crescente e ampliada dos movimentos socialistas e operários, ocorrida no século XX. Sendo assim, muitos destes autores traçaram linhas pela imposição de que a luta social fosse disputada também na área das ideias, confrontando as noções postas pela burguesia e que serviam como embasamento ideológico do seu controle social.

De acordo com Perseu Abramo²³, uma característica geral pode ser observada quando se procura tipificar as formas mais usuais de manipulação na grande imprensa. Segundo Abramo (2003):

(...) isso permite falar em *padrões de manipulação* observáveis na produção jornalística. Os *padrões* devem ser tomados como padrões, isto é, como tipos ou modelos de manipulação, em torno dos quais gira, com maior ou menor grau de aproximação ou distanciamento, a maioria das matérias da produção jornalística. (p. 25)

No entanto, o que transforma a manipulação em um fato essencial e característico da maior parte da grande imprensa no Brasil é que uma combinação hábil dos acontecimentos, das circunstâncias, das configurações, e dos níveis de interferência na representação da realidade subordina, no conjunto e no geral, os leitores à posição de suprimidos na possibilidade de compreender e enxergar a realidade e leva a consumir e absorver outra realidade, produzida de forma artificial. É o que Abramo (2003) chama de “padrão de indução”. Desta forma, “(...) o leitor é induzido a ver o mundo não como ele é, mas sim como querem que ele o veja.”²⁴ Assim sendo, é possível indicar que o jornalismo – contrariamente ao que é preconizado por muitos – não é neutro, imparcial e isento perante a realidade e seus fatos.

Ao contrário da imagem que os meios de comunicação procuram construir (neutralidade e imparcialidade), é importante compreender que eles fazem parte da sociedade. Nas relações estabelecidas com outras empresas através dos anúncios publicitários e de

23 ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

24 Id., Ibid., p. 33.

atrelamentos empresariais e políticos, estes veículos acabam produzindo uma informação de acordo com os interesses desses grupos. Nesse sentido, apontamos para a necessidade de compreendermos a imprensa como um partido, pois ela é um importante instrumento de poder, na busca de convencimento em torno de determinadas visões de mundo.

Concordando com Abramo (2003) podemos indicar que o jornalismo sempre toma posição na orientação para a ação.²⁵ O órgão de comunicação orienta seus leitores enquanto sociedade na formação da opinião, na tomada de posição e na ação concreta sobre a ação humana. A partir deste momento, estamos no campo do juízo de valor, do artigo, da opinião, do comentário e do editorial. A imprensa, através da ação de seus proprietários e dos jornalistas assume uma função de corrigir rumos e redefinir significados e papéis. O trabalho de análise do conteúdo da imprensa deve ser percebido como um processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e silêncios. Cabe ao historiador identificar problematizações segundo razões de natureza política, ideológica e hegemônica, em grande parte dos casos.

1.3 IMPRENSA: INSTRUMENTO CULTURAL E MECANISMO DE PODER

A prática do texto convoca o diálogo discursivo constante entre o público e os veículos da imprensa. O jornalista que tem o papel narrativo não tem intenção somente de contar o que “efetivamente aconteceu”, nem explicar como tomou conhecimento de um fato, mas também de transportar para o relato algo que, de alguma maneira, já é conhecido pelo público. A ênfase nos detalhes singulares é outro aspecto relevante, pois quando o narrador particulariza esses detalhes, acaba construindo uma sequência textual onde o leitor também consegue se visualizar. São evocados locais familiares e conhecidos, bem como descrições emotivas de eventos que obtêm o assinalamento do incomum. A trama e o fato invocam uma realidade, expõem tragédias que não foram presenciadas pelo público, mas que foram sentidas através da narrativa construída pelos jornalistas, sujeitos que vêem e ouvem como se estivessem representando os leitores. No sentido dessa representação, Robert Darnton²⁶ aponta que “a tendência de especialização nos jornais incentiva os repórteres a escrever para públicos

25 Id., Ibid., p. 38.

26 DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

específicos” (p. 81). Ou seja, públicos com os quais era necessário criar uma ligação e pontos de identificação.

No trabalho intitulado *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*²⁷, Marialva Barbosa aponta que a narrativa dos acontecimentos implica uma integração do leitor àquele mundo relatado pelo jornal.

Ao se identificar, sai de seu lugar natural (o de leitor) e se integra ao mundo do relato, para depois voltar novamente ao seu lugar natural. Ao voltar é uma outra pessoa, cada narrativa produz uma mutação naquele que a realiza. Evidentemente, quando evocamos essas premissas não nos referimos a um leitor particular ou específico, mas a uma “função” de leitor, implícita no texto, da mesma maneira que implícita também está a função de narrador. (2007, p. 55)

Sendo assim, o texto completa o seu caminho até chegar à leitura, convertendo-se em obra, ou seja, uma produção entre autor e leitor. Essa leitura leva a outras maneiras de avaliar o mundo e formatar a realidade, produzindo interpretações que, na maior parte das vezes, reaparecem no conteúdo do jornal no formato de outros textos, em uma associação permanente entre a produção e a leitura, pois “ao mesmo tempo em que se informa sobre o mundo, o leitor estabelece uma relação com o jornal.” (BARBOSA, 2007, p. 70). Os jornalistas pertencem a um grupo inserido em uma profissão, e portanto valorizam comportamentos apropriados e reprimem outros, de acordo com o discurso dessa coletividade. Isto ocorre para que seja construída uma memória adequada à reprodução de seu conhecimento, bem como de sua experiência, conferindo uma identidade ao grupo.

Barbosa (2007) também ressalta que a valorização de uma pretensa neutralidade apresentada pelo formato de discurso do periódico e pela definição dos espaços designados às opiniões – que não se confundiriam mais com as colunas de informação -, é responsável por retirar a ideia de incerteza da narrativa do jornal.²⁸ Diante disso, é importante problematizar e, até mesmo, superar a ideia de imparcialidade através de uma análise da defesa da objetividade e neutralidade da imprensa que, construída historicamente, é confrontada com o fato de não se situar acima ou fora do mundo quando está falando dele. Outro aspecto relacionado a atividade da imprensa é o efeito discursivo da ideia de produção de sujeitos e entidades responsáveis por defender o bem comum, os interesses públicos e as liberdades democráticas, sem que isso se configure, de fato, em uma prática. Barbosa (2007) alerta que

27 BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

28 Id., Ibid., p. 96.

(...) esse discurso contribui para a ampliação do público, através da construção de um lugar simbólico onde se destaca o papel de defensores do bem comum e dos anseios da população de maneira geral. Com isso, se autoconfiguram como intermediários entre o poder e o público, referendando o seu lugar de poder. (p. 192-193)

A ficção se produz no processo de tornar os acontecimentos – passados ou futuros – como algo presente para o leitor, pois a narrativa traz uma nova configuração a algo que não está em nenhum tempo determinado, sendo construído no presente. Diante disso, “(...) o periódico funciona como memória emprestada do que não vimos mas que passamos a incorporar. E, neste sentido, é um artefato de memória.” (BARBOSA, 2007, p. 243). Contudo, é importante ressaltar que a comunicação só ocorre de forma plena a partir do momento em que o leitor lê as reportagens, contempla as imagens, folheia o jornal e o transporta de um lugar para o outro, quando faz comentários sobre o que foi lido, recorta algo que lhe chamou atenção ou joga fora o que lhe desagradou, isto é, quando o seu mundo é reconfigurado por aquele conteúdo. Nesta lógica de identificação com um grupo que consome o mesmo tipo de informação, Benedict Anderson²⁹ exemplifica que

O leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos do metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranquilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida cotidiana. (1989, p. 44)

Outro elemento que configura a atividade da imprensa e sua influência na vida social no início do século XX, é levantado por Sodré (1999), quando afirma que o jornal de caráter individual, como um empreendimento isolado, passa a desaparecer das grandes cidades, sendo

relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. Uma das consequências imediatas dessa transição é a redução do número de periódicos. Por outro lado, as empresas jornalísticas começam a firmar sua estrutura, de sorte que é reduzido o aparecimento de novas empresas. Acontece ainda, particularmente nas fases de inquietação política – as sucessões presidenciais principalmente – mas em dimensões muito mais reduzidas do que no século XIX. É agora muito mais fácil comprar um jornal do que fundar um jornal, e é ainda mais prático comprar a opinião do jornal do que comprar o jornal. (p. 275-276)

Abramo (2003) alerta para a constituição da “grande mídia” em uma coluna de sustentação do poder, com suas complexidades, contradições e seus paradoxos:

Ela é imprescindível como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governantes e das “estratégias de mercado” adotadas pelas grandes corporações e pelo capital financeiro. Constrói consensos, educa percepções, produz “realidades” parciais apresentadas como a totalidade do mundo, mente, distorce os fatos, falsifica, mistifica – atua, enfim, como um “partido” que, proclamando-se

29 ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

porta-voz é espelho dos “interesses gerais” da sociedade civil, defende os interesses específicos de seus proprietários privados. (p. 8)

A partir das informações da imprensa também se recupera as contradições de classe e as lutas sociais que se expressam a partir do noticiário de eventos que, aparentemente, explicitam contendas individuais. A imprensa tende a se segmentar e se partidizar, refletindo as lutas políticas e ideológicas de acordo com o período. Chama para si a responsabilidade de ser “missionária” e “guardiã” da civilização, cabendo a ela interpretar, selecionar, reforçar e criticar os caminhos seguidos para que o país progrida. Nas páginas dos jornais, a imprensa deixa as suas impressões, numa leitura específica sobre o ambiente político, econômico e social, em uma tentativa de transformar a realidade concreta de seus locais de influência em uma representação do moderno. Abordamos a imprensa como parte desse jogo, uma instituição atuante nessas relações de poder que constituem a disputa pela opinião pública.

Todo jornal realiza uma seleção das suas notícias com claros interesses, e não de forma aleatória. Diante disso, Jürgen Habermas, ao debater a história da imprensa, analisa o grande domínio da publicidade na formação dos jornais e da educação das crianças e adultos enquanto consumidores, com o incentivo de determinados valores. Na obra *Mudança Estrutural da esfera pública*³⁰, o autor faz uma reflexão sobre o impacto do estímulo comercial na imprensa:

A história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstra que a própria imprensa se torna manipulável à medida que ela se comercializa. Desde que a venda da parte redacional está em correlação com a venda da parte dos anúncios, a imprensa, que até então fora instituição de pessoas privadas enquanto público, torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas - ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública. (p. 218)

Interessante notar que o desenvolvimento da imprensa não significou uma forma de engrandecimento cultural e entendemos que, inclusive, a imprensa tem dificuldade em reconhecer alguma validade no campo da esfera artística. O desenvolvimento da imprensa foi acentuado pelo ritmo frenético e comercial da atividade jornalística. No interior disso, há uma relação perversa entre a imprensa e o público, quando um alimenta os vícios do outro e constrói um discurso proferido e constantemente reafirmado por ambos. Partindo da perspectiva de que todo documento – e não só a imprensa – é também um monumento, estamos nos remetendo ao campo da subjetividade e da intencionalidade, e isto deve estar claro para o pesquisador. Um item essencial é fazer uma observação sobre a trajetória da

30 HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

imprensa, reletindo sobre suas vinculações a um contexto geral, bem como a cada um dos movimentos específicos no decorrer do processo de formação, estruturação, estabelecimento e (re) produção do poder burguês nas sociedades modernas, e dos conflitos por hegemonia nos mais diversos períodos históricos do capitalismo. Compreender a imprensa a partir desta perspectiva envolve, primeiramente, classificá-la como uma força ativa da história do capitalismo e da vida moderna – sobretudo um ingrediente do processo - mais do que um registro dos acontecimentos, atuando na constituição de formas de vida, perspectivas e consciência histórica, e não como simples depositário de eventos ocorridos nas diferentes conjunturas e processos.

Apontamos que no centro de um processo histórico como a imprensa, o mercado econômico é reinventado como base da vida social e que diante do respaldo do capital, foi costurada a hegemonia burguesa diante dos modos de vida padronizados. Os grandes jornais modernos formaram uma esfera civil pública nas sociedades burguesas emergentes, concentrando os meios de comunicação que vêm formando redes de poder de conjuntos midiáticos, com grande poder político e econômico, sendo decisivos para o atrofiamento do espaço democrático e público contemporaneamente. É essencial lembrar que a imprensa não pode ser apontada simplesmente como portadora de uma “opinião”, pois ela constitui consensos e adesões. Além disso, é preciso entender que nas mais diversas conjunturas a imprensa assimila projetos e interesses de várias forças sociais e, mais do que isso, se torna espaço privilegiado disponível à articulação destes projetos.

No processo de caracterização dos veículos, das suas formas e conteúdos, os modelos da maneira de fazer e o que deve estar presente em um jornal são resultados de negociações sociais e culturais, em um terreno de debates. Esse jogo de interesses atua no trabalho de fomentar a adesão ou o dissenso e mobilizar para a ação, articulando, divulgando e disseminando projetos, ideias, valores e comportamento. São produzidas referências homogêneas e cristalizadas para a memória social, através da repetição e naturalização do excepcional na rotina, formando uma cultura do esquecimento. Por meio do alinhamento da experiência vivida de forma global em um tempo histórico comum, na ação de produzir e informar sobre o atual, é feita a formação de uma visão imediata da realidade e do mundo, estabelecendo, com isso, um padrão de consumidores, onde a imprensa funciona como vitrine do mundo das mercadorias e da produção de marcas de distinção social. Todos esses elementos apontam para a influência da área de poder da imprensa, afirmando a força de sua

intervenção em diversos campos da vida social, política e cultural.

Segundo indica Darnton (1990), o espaço inicial de diálogo e constituição das publicações é propriamente o campo da imprensa, nele o órgão tece alianças, enfrenta disputas, constitui identidades e demarca posições.³¹ Essas posições diante dos problemas que noticia fornece ao jornal uma dimensão muito maior no cotidiano e nas relações sociais. Para Sodré (1999), “de instrumento de esclarecimento, a imprensa capitalista se transformou em instrumento de alienação, fugindo inteiramente aos seus fins originários” (p. 408). Portadora de grande intervenção na vida social, a imprensa constrói uma ideia de nação e de integração dessa nação. Nesse sentido, Anderson (1999) também chama a atenção para o momento do aparecimento das novas tecnologias de comunicação – a imprensa diária – que, no contexto de uma economia capitalista tornaram possível imaginar uma nação (p. 47-48). O desenvolvimento da imprensa permitiu que um número cada vez maior de pessoas pensassem sobre si mesmas, e se relacionassem com outras, de maneira profundamente renovada. Como artefatos culturais, a nação e o nacionalismo resultam da interação entre a diversidade dos idiomas humanos e o surgimento da imprensa de massas no contexto capitalista, construindo alternativas de um novo formato de comunidade imaginada.³²

Desta forma, o historiador que se apoia sobre a fonte jornalística precisa estar constantemente dedicado ao conteúdo das subjetividades e entrelinhas da publicação pesquisada por ele. Como aponta Darnton (1990), “a notícia não é o que aconteceu no passado imediato, e sim o relato de alguém sobre o que aconteceu”³³. Sendo assim, a grande imprensa escrita, fazendo parte da estrutura da grande mídia, ferramenta responsável por executar específicos formatos de dominação, atua por meio do poder das palavras, das imagens e das ideias, com atribuições capazes de comprovar “verdades” e “mentiras”. As posturas do periódico são sempre apresentadas como legítimas ao quadro social a que pertencem, pois tomam para si a responsabilidade de representar a opinião da maioria.

31 DARNTON, Robert., op. cit., p. 71.

32 ANDERSON, Benedict. op. cit., p. 48.

33 DARNTON, Robert, op. cit., p. 19.

2 REVOLUÇÃO CUBANA E A TRAJETÓRIA DO JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RS)

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REVOLUÇÃO CUBANA

No Brasil, alguns dos trabalhos mais conhecidos sobre a Revolução Cubana são *Da guerrilha ao socialismo* (2007), de Florestan Fernandes, e *A Revolução Cubana* (1985), de Emir Sader. Essas obras analisam e sintetizam informações importantes sobre os acontecimentos em Cuba, e são essenciais para o leitor que desconhece alguns pormenores da história cubana.³⁴ O livro de Sader (1985) analisa, de forma inicial, o impacto da Revolução Cubana sobre as esquerdas do Brasil. Sader descreveu os acontecimentos numa linha unívoca, desde a independência até o final dos anos 60, sempre com o objetivo de ligar os fatos uns aos outros - desde José Martí, passando pela guerrilha, até chegar ao socialismo -, como se os caminhos percorridos pelos guerrilheiros fossem, de certa forma, inevitáveis.

Portanto, essas obras têm importância ímpar na compreensão que produzem sobre a Revolução Cubana, tanto no que diz respeito ao processo cubano, quanto em sua influência sobre as esquerdas no Brasil. Outro trabalho de fôlego foi realizado pelo historiador e cientista político, Luiz Alberto Moniz Bandeira, *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. O autor qualifica a Revolução Cubana como "inquestionavelmente o maior acontecimento da América Latina no século XX" (p. 28).³⁵

A Revolução Cubana precisa ser compreendida, em um processo histórico, como decorrência de diversos elementos que antecedem o ano de 1959. Desta forma, é necessário atentarmos para a presença consistente dos Estados Unidos ainda na independência de Cuba³⁶; a soberania nacional do país e as eleições fraudulentas, que corromperam e desmoralizaram as instituições legítimas; os governos tradicionalmente ditatoriais; as desigualdades socioeconômicas constantemente aprofundadas e as revoltas populares que estiveram presentes no período republicano da ilha.

Cuba foi invadida pela Espanha em 1492, tornando-se sua colônia. Após a extração do

34 Por serem obras nacionais e terem qualidade reconhecida, foram selecionadas para centrar esta área do trabalho. Contudo, é inegável que existam outras obras nacionais e internacionais igualmente qualificadas.

35 BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

36 Este elemento se manifesta na intervenção armada sobre a ilha, na ocupação e, como resultado, na Emenda Platt (inserção na Constituição Cubana da garantia do direito de intervenção dos Estados Unidos nos assuntos da ilha caso seus interesses fossem ameaçados, uma estratégia que garantiu aos norte-americanos grande controle sobre Cuba), ocorrendo até o apoio norte-americano ao golpe de estado de 1952.

ouro e madeira que existiam na ilha, o interesse básico girou em torno de sua posição geográfica estratégica, localizada entre outras colônias espanholas da América Central, perto do México e da América do Sul. Dessa forma, colaborava com a a logística da Espanha, especialmente para o transporte de armamento utilizado para auxiliar na manutenção da dominação das outras colônias. Os principais bens produzidos na ilha no período colonial eram o café, o tabaco e o açúcar.

O café, introduzido em Cuba em 1768, resultou em investimentos em mão de obra escrava, pois exigia maior quantidade de pessoas envolvidas em seu cultivo. Mas o produto que obteve destaque foi o açúcar, que logo consumiu a maior parte dos investimentos, das terras e dos escravos. Os colonizadores criaram uma organização específica e um sistema de infraestrutura para a realização do cultivo mercantil do açúcar. Fernandes (2007) cita algumas mudanças:

(...) a introdução da máquina a vapor nos trapiches cubanos, em 1820; aprofunda-se a construção de estradas de ferro, encetada por iniciativa de fazendeiros crioulos em 1837 – as quais seriam aplicadas em larga escala em seguida, depois da “guerra dos dez anos”, com a invenção dos trilhos de aço e o consequente barateamento dos custos: as vias férreas ligam entre si as várias partes do engenho ou as zonas de açúcar com os portos de armazenagem e de embarque (...) (p. 56)³⁷

Em 1880, os Estados Unidos passaram a investir diretamente na colônia espanhola através da indústria refinadora e em minério. “Calcula-se que os estadunidenses haviam investido em Cuba, por volta de 1895, uns US\$ 50 milhões.” (FERNANDES, 2007, p. 64). Os Estados Unidos receberam o apoio de políticos cubanos e da maior parte da burguesia local, a quem também não interessava um efetivo projeto nacional, afinal, pela maneira como as relações foram estabelecidas, essa classe dependia dos Estados Unidos na mediação dos negócios para obter sua parcela da riqueza.

Assim, a revolução dentro da ordem colonial não se extingue pela negação em seu contrário, a revolução nacional. Ela se redefine e se reconfigura graças ao aparecimento de um poder externo, bastante forte para absorver aquela revolução dentro da ordem colonial em uma inexorável “expansão de fronteiras” e para impor a dominação indireta na forma de uma tutela institucional, aceita e legitimada constitucionalmente pelos cubanos.³⁸

Em *A aventura socialista no século XX*³⁹, Daniel Aarão Reis Filho produz um

37 FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

38 Id., Ibid., p. 65.

39 REIS FILHO, Daniel Aarão. O socialismo na América Latina: a Revolução Cubana. In: **A aventura socialista no século XX**. São Paulo: Atual, 1999.

instigante balanço da trajetória do socialismo. A experiência cubana é abordada de forma ampla, destacando-se seus pontos mais importantes e os entraves que o socialismo superou - ou tentou superar - para se implantar e consolidar. Em relação às propostas e contradições do marxismo latino-americano, que via obstáculos a serem enfrentados pelo socialismo na América Latina, o autor aponta:

Como se a revolução socialista não tivesse chance neste continente excêntrico e descentrado. Um destino geopolítico, talvez. Com efeito, além do atraso, havia a proximidade dos Estados Unidos. O grande Estado do norte não permitiria, sem dúvida, nenhum tipo de revolução em seu quintal. Era inviável, portanto, cultivar a hipótese. A longo prazo, sim, ela viria, assim acreditavam os marxistas, mas num futuro indefinido. (REIS FILHO, 1999, p. 76)

E destaca também as especificidades deste processo revolucionário:

As previsões teóricas do marxismo da Internacional Comunista não resistiam à prova da História. Na China aparecera uma revolução socialista ganha, na prática, por camponeses e gerando uma nova variante de marxismo, o maoísmo. Agora, uma revolução popular, sem direção comunista, chegava ao socialismo, queimando etapas. (REIS FILHO, 1999, p. 79)

A sociedade cubana expressava forte sentimento de insatisfação e um desejo por mudanças que se manifestaram na Revolução de 1933, opondo-se a ditadura de Gerardo Machado, em um movimento radical de esquerda que assumiu o poder durante quatro meses, com as lideranças de Antônio Guiterras e Grau San Martín.⁴⁰ Esse regime denominado “o governo dos Cem Dias” - setembro de 1933 a janeiro de 1934 – assumiu posições com características anti-imperialistas e voltadas a questões sociais, como a implantação da jornada de trabalho de oito horas e intervenções na companhia cubana de eletricidade, até então controlada pelos Estados Unidos.

Nos governos de Mendieta (1934-1939) e de Prío Socarrás, houve normalidade nas eleições. Contudo, em 1952 Fulgêncio Batista tomou o poder através da execução de um golpe de estado. Nesse sentido, o espaço que era utilizado pela política institucional foi suprimido e as lideranças que promoviam a legitimidade do sistema como princípio para encaminhar as mudanças socioeconômicas que Cuba necessitava foram silenciadas. Fidel Castro era um destaque entre essas lideranças.

O pai de Fidel era um rico proprietário de terras, o que permitiu que o filho se formasse em direito. Fidel teve uma educação tradicional e planejava construir uma carreira

⁴⁰ A Revolução de 1933 teve três fases distintas: a primeira de direita, sob a presidência de Carlos Manuel de Céspedes e que durou cerca de um mês; a segunda, já citada, radical de esquerda, com o estabelecimento do governo dos Cem Dias sob a presidência de Grau San Martín; a terceira, marcada pela contrarrevolução, a qual foi de 1934 até 1939, com o coronel Mendieta no poder.

política. Desta forma, candidatou-se a deputado, em 1952, pelo Partido Ortodoxo. No ano seguinte, a partir do golpe, ele e outras lideranças prepararam os assaltos aos quartéis de Moncada e Bayamo, com o objetivo de tomar armas e dar início a um processo de derrubada da ditadura de Batista. Apesar de ter fracassado nessa ação, a organização resultaria, adiante, na formação do Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR26/7) – criado em 1955 no México -, tornando conhecida a figura de Fidel Castro.

Devido ao fracasso do assalto, Fidel e vários rebeldes foram condenados e presos; enquanto outros foram mortos pelas forças do governo. Na prisão, Fidel aprimorou sua formação política radical e escreveu *A história me absolverá*, lançando o Programa de Moncada.⁴¹ Após quase dois anos de cárcere, recebeu anistia e foi solto. Enquanto isso, o país não demonstrava indicativos do retorno das liberdades democráticas e dos direitos enquanto Batista estivesse no poder, considerando que a via político-eleitoral não encontrava espaço. Sendo assim, Fidel optou pela luta armada como única alternativa para derrotar a ditadura vivida no país.

Em 1955, Fidel conheceu Ernesto “Che” Guevara no México, com quem aprendeu muito sobre a realidade latino-americana, ampliando suas leituras, enquanto preparava a sua volta e a de outros insurgentes – inclusive Che – para Cuba, a bordo do iate Granma, fato que aconteceu em 1956. Assim como em 1953, essa volta tinha o objetivo de derrubar Batista através das armas, buscando estruturar em Cuba um levante popular. Ao optar pela guerrilha, o Movimento Revolucionário 26 de Julho destacou as necessidades objetivas as quais o grupo deveria enfrentar quando desembarcassem em Cuba e passassem a enfrentar a ditadura de Fulgêncio Batista.

No entanto, no contato com o povo cubano e no embate com as tropas oficiais do exército foi constituído o caráter revolucionário do movimento, com a posterior ascensão do socialismo em Cuba. A união entre a população e os guerrilheiros levou a luta a assumir compromissos objetivos também com as classes burguesas, mas principalmente com as esferas operárias e camponesas:

41 O Programa de Moncada apresentava um conjunto de cinco leis revolucionárias: reconhecimento da Constituição de 1940 como legítima; atribuição de terras a camponeses; direito aos trabalhadores assalariados de participarem em 30% dos lucros das grandes empresas industriais, extrativas e comerciais; concessão a todos os colonos de 55% da participação nos lucros da cana-de-açúcar; confisco de todos os bens obtidos a partir da malversação dos recursos públicos, atingindo todos os governos. Partindo destes decretos, entraria-se em uma segunda etapa de medidas, relacionadas à reforma agrária e do sistema educacional, bem como à nacionalização de empresas prestadoras de serviços públicos. O programa também envolvia denúncias às condições de pobreza e subdesenvolvimento da ilha, marcada pela desigualdade.

até fins de 1960 e o início de 1961 o sistema de poder nascido da revolução não era um sistema misto (ou seja, meio burguês, meio proletário). Ele era, apesar das aparências em contrário, uma ditadura guerrilheiro-popular. Esta era, pois, a forma política de síntese que a democracia armada teria de assumir para rearticular os guerrilheiros, como vanguarda política, com a classe social majoritária e revolucionária. (FERNANDES, 2007, p. 140)

Em Cuba, segundo Fernandes (2007), “Os ritmos históricos não separaram nitidamente os tempos que se tornaram de decomposição final do capitalismo e de implantação do socialismo” (p. 140-141). A revolução aconteceu em Cuba apesar do sistema de classes pouco avançado, tal qual ocorre nos outros países centrais. A atividade da guerrilha se adequou a essa situação, surgindo como expressão da vontade da população já que o desenvolvimento capitalista dentro de uma ordem social neocolonial prejudicou de tal forma a classe trabalhadora, impossibilitando que a grande maioria da população conseguisse viver razoavelmente bem. E a guerrilha foi a forma encontrada de lutar contra esse sistema.

A guerrilha, portanto, subverteu a órbita das relações e conflitos de classes, conferindo às classes trabalhadoras e destituídas a possibilidade (antes inconcebível) de enfrentar as tarefas políticas que a situação revolucionária e a guerra civil lhes impunham. E o regime de classes, antes de tornar-se “maduro”, explodiu.⁴²

Devido à intervenção externa dos Estados Unidos e suas influências nas decisões internas do país, os cubanos passaram a alimentar a sensação de que a independência ainda não estava presente. A luta pelo socialismo e a rápida ascensão do movimento guerrilheiro são compreendidas, em grande medida, a partir deste fator histórico. Quando o grupo “guerrilheiro-popular” tomou o poder em Cuba, as experiências históricas do povo tornaram impossível desvincular “a independência nacional à libertação social e política do país” (p. 34)⁴³. Reis Filho (1999) indica a conquista revolucionária como a “vitória da heresia”:

Pois os revolucionários pareciam decididos a revogar esse destino, a dar um basta na posição subordinada do país em relação a Washington. Mas, também nesse aspecto, quem poderia ser contrário a efetuar mudanças naquelas relações, eivadas de neocolonialismo? Concessões mútuas conduziriam, certamente, a novos acordos. Nada poderia perturbar aquela atmosfera privilegiada de congraçamento. (p. 78)

Os rebeldes chegaram na Sierra Maestra, no lado oriental de Cuba, agrupando e treinando outros guerrilheiros, basicamente camponeses da região. No outro lado da ilha também ocorriam manifestações contrárias ao regime, partindo de ações como o Movimento Nacional Revolucionário (MNR), a Federação dos Estudantes Universitários (FEU), o Diretório Revolucionário Estudantil (DRE), a Organização Autêntica (AO), o Partido

42 FERNANDES, op. cit., p. 117.

43 SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Moderna, 1985.

Ortodoxo e o Partido Socialista Popular (PSP).

Contudo, esses movimentos rebeldes do oeste cubano no processo de luta contra a ditadura foram destruídos ou enfraqueceram, fazendo com que o grupo da Sierra Maestra se tornasse o destaque na polarização e liderança da luta contra o regime de Batista. Desta forma, em janeiro de 1959 a Revolução Cubana triunfou sob a hegemonia dos grupos do MR26/7 e da Sierra Maestra. No entanto, a diversidade das forças que configuraram o processo revolucionário e apoiaram esses grupos foi representativa de um aspecto importante para o momento do pós-revolução, quando Fidel Castro apontou a necessidade de uma unidade revolucionária.⁴⁴

A forma de organização da sociedade é o ponto de partida da promoção de uma mudança estrutural do regime sob o qual se está estabelecida esta sociedade. Segundo Reis Filho (1999), “Como em toda revolução, a abertura do mundo e da História para novos horizontes: inaugurações.” (p. 79). Sem apoio popular se torna inviável tal superação. A alienação talvez seja, portanto, o primeiro desafio. Em Cuba, a busca por parte da população em melhorar as péssimas condições em que vivia, construiu a maturidade para que se acreditasse que era possível superar o subdesenvolvimento. Fernandes (2007) via a sociedade cubana dessa forma: “Fica claro, então, que Cuba é uma sociedade revolucionária, suficientemente madura para dar densidade histórica à filosofia política revolucionária e bastante consolidada para tornar-se socialista”⁴⁵

Para Fidel Castro, o instrumento de mobilização das massas devia ser fundamentalmente moral, apesar de também ser necessário utilizar um estímulo material, mas de forma correta.

O fato de a revolução triunfar num país e proclamar a intenção de edificar a nova sociedade não garante, de *per se*, que isto chegue a ser realidade. Para chegar ao socialismo e ao comunismo é necessário combinar dois fatores essenciais: o desenvolvimento de um homem novo, com uma consciência e uma atitude novas diante da vida, e o avanço da técnica, capaz de multiplicar a produtividade e gerar a abundância de bens. Para alcançar esta meta elevada da sociedade humana é preciso exercer uma política consequente com os princípios do marxismo-leninismo (...).⁴⁶

Fernandes (2007) complementa:

44 Em relação a essa diversidade, é necessário ressaltar que o grupo da Sierra Maestra conseguiu o apoio de setores populares rurais e urbanos, bem como de setores da elite, principalmente de Havana, para derrubar Batista do poder. Todavia, ao se estabelecer o governo revolucionário, essa associação não foi possível devido às divergências entre os setores que queriam a radicalização e o aprofundamento do processo e dos setores mais moderados.

45 FERNANDES, op., cit., p. 212.

46 FERNANDES, op., cit., 2007, p. 219, apud CASTRO, Fidel. **Socialismo y comunismo: un proceso único.** México: Editorial Diogenes, 2. ed., 1974, p. 170.

Deste ângulo, o homem novo e a sociedade nova passaram de marco utópico do “idealismo revolucionário” a produtos e fatores interdependentes de uma nova situação histórico-social. Expressam e fazem parte de práticas coletivas concretas, que redefinem o significado humano da revolução. Ou seja, na medida em que uma “revolução para os trabalhadores” se transforma em uma revolução dos trabalhadores, pelos trabalhadores e para os trabalhadores, o que era uma aspiração de chegar ao socialismo passa a ser o socialismo em marcha e dele está brotando uma nova Cuba, Cuba socialista. (p. 261)

A participação do povo nas decisões vindas de forma vertical foi levada até a fábrica, para que os trabalhadores pudessem de fato dar suas contribuições. O trabalhador foi, de certa forma, incorporado em todas as tarefas, para uma construção coletiva da política nacional.

A revolução atinge, aqui, sua etapa mais construtiva, na qual ela própria suscita o fim do governo revolucionário, liga-se “para baixo” a todos os estratos do povo e assume um caráter democrático-popular, institucionalizando-se como poder popular organizado. Portanto, esta é uma década de colheita de frutos mas, também, de lançamento dos pilares do Estado socialista e de conquista do futuro.⁴⁷

Desta maneira, podemos declarar que a Revolução Cubana teve início como um processo de luta pela regularidade da democracia e pela soberania nacional, seja no plano político ou econômico, em que o nacionalismo foi o eixo norteador dessa luta. Entretanto, as contradições internas e externas foram acirradas, gerando a radicalização do movimento, que passou a adotar posturas evidentemente anti-imperialistas. A forte oposição dos Estados Unidos impossibilitava que Cuba construísse um capitalismo nacional, independente e soberano. Diante disso, apesar de existir anteriormente um programa de reformas amplo e que, na teoria, é considerado pertencente a uma ordem burguesa, - reforma agrária, educacional e na saúde – esse projeto sofreu uma radicalização até 1961, quando foi declarado o caráter socialista da revolução.

O rompimento com o imperialismo estadunidense e com o modo de produção capitalista foram postos em prática. Em Cuba, verificamos a evolução de uma posição liberal democrática radicalizada, com o papel central voltado ao nacionalismo, dirigindo-se a uma posição antiimperialista. Fernandes (2007) atribuiu características de revolucionária, anticapitalista e antiimperialista à Revolução Cubana. Porém, o próprio Fernandes atribuiu o aprofundamento do processo revolucionário ao comportamento reativo da burguesia cubana e dos Estados Unidos, por um lado, e ao crescente radicalismo das classes populares, por outro.

Em relação ao caráter da Revolução Cubana e, da mesma forma, ao papel da guerrilha, Fernandes (2007) aponta que uma nacionalização democrático-burguesa não seria possível em Cuba uma vez que o pólo forte da ordem social neocolonial estava fora do país, nos Estados

47 FERNANDES, op., cit., p. 265-266.

Unidos. Nesse caso ele descarta uma intenção de revolução dentro da ordem.

(...) é conveniente salientar que a guerrilha não era e nem podia ser neutra com referência ao destino da ordem social neocolonial. Esta devia ser destruída inteiramente e até o fim, o que punha a guerrilha em luta direta com os Estados Unidos. Ao buscar o apoio frontal das classes trabalhadoras e da população pobre, ela não procurava uma retaguarda firme para sua luta armada contra a ditadura de Batista. Isso seria um exagero. Ela preparava o terreno para o confronto mais árduo e difícil com o imperialismo.⁴⁸

Após a declaração do caráter socialista da revolução, o governo revolucionário se deparou com o grande desafio de adaptar a economia cubana às normas ideais do socialismo. “O futuro não está ao alcance das mãos! Um povo não pode livrar-se, em pouco mais de um decênio, do fardo de uma herança pesada, deixada por 5 séculos de colonialismo e de neocolonialismo!”⁴⁹.

Na década de 1960, os líderes cubanos tiveram limitações ao estabelecer experiências autônomas, com a invasão da Guatemala e da baía dos Porcos e com o isolamento político-econômico de Cuba em relação ao restante do continente, devido ao bloqueio imposto pelos Estados Unidos em 1962. Essa compreensão, unida às dificuldades econômicas, reafirmou os laços com os países socialistas – principalmente a URSS – até chegar ao evento da Crise dos Mísseis, em outubro de 1962.

A aproximação entre Cuba e URSS era útil para a ilha pelo apoio internacional diplomático, político e econômico. De outra forma, a URSS se beneficiava dessa aproximação no campo político-ideológico – devido a possibilidade da obtenção de uma zona de influência – e também no contexto estratégico, pela proximidade com os Estados Unidos, pois os soviéticos sentiam a ameaça dos mísseis estadunidenses existentes na Turquia.

Nesta fase, o governo cubano ainda tinha um projeto de diversificação da economia, com o desenvolvimento das indústrias, substituindo importações e ampliando as exportações para além dos produtos primários. Contudo, esse projeto fracassou e Cuba entrou no Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME)⁵⁰, em 1972, reunindo o bloco dos países com a liderança da ex-União Soviética, trazendo consequências no caminho político-econômico traçado pelo país. Houve crescimento econômico, elevando o Produto Social Global⁵¹ e também a quantidade das indústrias, bem como o número dos indicadores sociais; todavia, a busca de um rumo próprio e a autonomia da revolução foram, de alguma forma, atingidas.

48 FERNANDES, op. cit., p. 118.

49 FERNANDES, op. cit., p. 197.

50 Composto por países socialistas liderados pela URSS, fundado em 1972 e extinto em 1991.

51 Indicador que mede o produto bruto de acordo com os parâmetros de uma economia centralmente planejada.

Cuba buscou uma renovação pelo modelo soviético. Essa reorganização teve manifestações também nos campos intelectual e ideológico, através da publicação de manuais soviéticos voltados ao ensino do marxismo e do fechamento de jornais e revistas que buscavam uma configuração socialista adversa. Desta forma, entre o triunfo da revolução até a década de 1970, houve redução da autonomia da esfera intelectual e da pluralidade de ideologias presentes nos discursos nacionais. O Estado passou a centralizar as decisões, tornando-se burocratizado e com forte censura estabelecida. Há, naturalmente, afirmações que geraram e ainda alimentam infundáveis polêmicas, como a de que o governo revolucionário converteu-se em uma ditadura, mas uma ditadura que favorecia a grande maioria do povo cubano e sem a qual não teria sido possível derrotar os esforços contra-revolucionários alimentados pelos Estados Unidos. Ou ainda fatos como a identificação que Moniz Bandeira (1998) faz, em vários momentos, entre as ideias de Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara e as defendidas por Leon Trotsky, por exemplo (p. 289).

Ao abordar os temas mais contemporâneos, das últimas décadas é que, porém, Moniz Bandeira (1998) abre uma discussão maior. Ao tratar dos episódios referentes à condenação e à morte do general Arnaldo Ochoa, por exemplo, Moniz Bandeira (1998) envereda por afirmações polêmicas, como a de que "Cuba se envolvera no tráfico de diamantes, marfim e armas" em Angola e que "a realização de negócios clandestinos e ilícitos terminou, provavelmente, por abranger o narcotráfico, com ou sem o conhecimento de Castro (...)" (p. 598-599). Moniz Bandeira (1998) também afirma que ocorreu "o completo restabelecimento em Cuba da economia de mercado" (p. 622). O autor cita a abertura ao capital estrangeiro, a privatização de algumas atividades econômicas e o fato de somente as atividades de educação, saúde e defesa terem permanecido monopólio do Estado.

No entanto, é essencial ressaltar que a situação do país melhorou consideravelmente.

Graças ao socialismo, apenas em 20 anos, Cuba: 1º. livrou-se da condição de “nação-problema”, que a levava ao beco sem saída em que se encontrava; 2º. realizou uma reforma agrária que se inscreve na história das grandes realizações que ocorreram na América Latina no século 20; 3º. retirou a maioria de sua população, os setores mais pobres dos proletários rurais e urbanos, da situação crônica de condenados da terra, assegurando-lhes meios permanentes de trabalho, um padrão sóbrio mas decente de vida, e a possibilidade de viver como gente; 4º. suplantou um dos mais terríveis cercos capitalistas e deixou definitivamente para trás o complexo colonial e a complacência da burguesia compradora (...)⁵²

Ainda sobre avanços e limites, Reis Filho (1999) alerta para:

52 FERNANDES, op., p. 149-150.

A eliminação da miséria e do analfabetismo. A prevalência de políticas públicas igualitaristas conferindo a todos padrões dignos de existência. E a construção de sistemas de educação e de saúde equivalentes aos melhores do mundo. E, para além de quaisquer índices quantitativos, a não mensurável recuperação da dignidade de um povo. (p. 79-80)

Outro aspecto destacável envolve a questão educacional do país. A situação da educação antes da revolução se traduzia em mais de um milhão de analfabetos na população maior de 10 anos (25%) enquanto que 66% da população entre 5 e 24 anos não tinham assistência escolar. Para cada mil habitantes, apenas 3 concluíram o ensino médio e as escolas eram concentradas nos principais centros urbanos.⁵³ Imediatamente após a revolução a porcentagem da população matriculada em alguma instituição de ensino subiu 12,5% entre 1958 e 1959, e 37,1% de 1977 a 1978. A matrícula no ensino primário triplicou, no nível médio aumentou dez vezes e no ensino superior oito vezes. O orçamento apenas destinado à educação no ano de 1973 foi de 700 milhões de pesos, superior ao orçamento total da república antes de 1959.⁵⁴

O governo também criou alguns incentivos aos trabalhadores - como pagamento adicional, aproveitamento em ocupações mais complexas e ascensão na escala de promoções – para que completassem seus estudos e tivessem acesso à cultura e, conseqüentemente condições intelectuais para uma formação política. De 1972 a 1973 aumentou o número de trabalhadores estudando, sendo em curso de formação para adultos ou treinamento técnico, de 166.021 para 517.803. “A revolução concentrou-se no trabalhador. Ele é o alfa e o ômega, portanto, da revolução educacional em curso – como sujeito-objeto, como produto e como o agente previsível da consolidação da própria revolução ou do socialismo” (FERNANDES, 2007, p. 236).⁵⁵

Através dos órgãos institucionais a continuidade da revolução e, conseqüentemente, do poder popular, é garantida. É discutida e criada uma nova constituição proclamada no dia 24 de fevereiro de 1976, a qual:

(...) preceitua que Cuba é “um Estado socialista de operários e camponeses e demais trabalhadores manuais e intelectuais” (art. 1), no qual “todo o poder pertence ao povo trabalhador que exerce por meio das assembléias do Poder Popular e demais órgãos do Estado que derivam dela, ou então diretamente” (art. 4). O cap. VII da constituição (“Os órgãos supremos do poder popular”), em seu art. 67, estabelece: “A Assembléia Nacional do Poder Popular é o órgão supremo do poder do Estado. Representa e expressa a vontade soberana de todo o povo trabalhador”. O único órgão com potestade constituinte e legislativa do país; nele se insere e dele propana,

53 FERNANDES, op., cit., p. 232-235.

54 FERNANDES, op., cit., p. 232.

55 FERNANDES, op., cit., p. 236.

por sua vez, o poder executivo.⁵⁶

Ao entrar no CAME, Cuba passou a estabelecer uma clara dependência com os países de linha socialista. Isso ocorreu pois a ilha resistiu ao bloqueio econômico – presente ainda hoje - e ao decorrente isolamento econômico e político em relação ao continente, com inúmeras operações de sabotagem com financiamento dos Estados Unidos, bem como escassez de recursos internos e estagnação econômica. A união destes elementos fez com que o CAME se tornasse a chance de superação de alguns problemas e a oportunidade de fortalecer internamente a revolução.

Com o fim da Guerra Fria, o bloqueio dos Estados Unidos é ampliado e Cuba perde as vantagens anteriormente oferecidas pelo CAME e do suporte político da ex-União Soviética. Conforme Eric Hobsbawm,

o fim da guerra fria retirou de repente os esteios que sustentavam a estrutura internacional e, em medida ainda não avaliada, as estruturas dos sistemas políticos internos mundiais. E o que restou foi um mundo em desordem e o colapso parcial, porque nada havia para substituí-los. A ideia, alimentada por pouco tempo pelos porta-vozes americanos, de que a velha ordem bipolar podia ser substituída por uma “nova ordem” baseada na única superpotência restante, logo se mostrou irrealista. Não poderia haver retorno ao mundo de antes da Guerra Fria (p. 251).⁵⁷

Tanto na história da América Latina quanto na história mundial do século XX, a Revolução Cubana foi um fenômeno imponente, principalmente devido à natureza do seu reflexo imediato em outros países. A vitória dos barbudos de Sierra Maestra teve um impacto e influência enorme na história política recente da América Latina. Segundo Carlos Batista Prado⁵⁸, o “modelo cubano de revolução, por meio da luta armada, foi, na década de 1960, o referencial histórico para vários movimentos de esquerda em países do terceiro mundo que buscavam sua libertação do neocolonialismo.” (p. 35). Nesse sentido, havia o objetivo de tornar o caso de Cuba o exemplo geral para a luta revolucionária em busca do socialismo.⁵⁹

2.2 HISTÓRICO DO JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RS)

Ao analisar o panorama da relação entre a imprensa e a Revolução Cubana,

56 FERNANDES, op., cit., p. 288.

57 HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

58 PRADO, Carlos B. Cuba, Che Guevara e a “exportação” da Revolução pela América Latina. In: PADRÓS, Enrique Serra & CALIL, Gilberto. (orgs.). **Revista História e Luta de Classes**. Ano 3, Edição n. 4. Julho de 2007.

59 Id., Ibid., 2007, p. 36-37.

entraremos em contato com as páginas do jornal *Diário de Notícias* (RS). Os trabalhos publicados utilizando o *Diário de Notícias* (RS) como fonte de pesquisa ainda são escassos dentro da historiografia. Não são numerosas as obras que fazem referências à história da imprensa relacionada a esse jornal, apresentando poucas linhas e páginas, apesar de ser um periódico que marcou a história da imprensa gaúcha.⁶⁰

Uma importante contribuição no sentido de contar a trajetória desse jornal foi feita por Celito de Grandi⁶¹. O personagem principal da obra é o jornalista e empresário Ernesto Corrêa, diretor do *Diário* por 43 anos. Neste sentido, o livro preenche uma lacuna na memória da imprensa do Rio Grande do Sul, contando em detalhes a trajetória do *Diário de Notícias*, da sua primeira publicação, em 1925, até o último exemplar que circulou, em 30 de dezembro de 1979. E ao contar a história do Diário, Grandi revive os personagens e os fatos que fizeram a história do estado e do país durante 55 anos.

O *Diário de Notícias* (RS) foi fundado em 23 de outubro de 1924, a partir da Sociedade Anônima Gráfica Porto-alegrense. Em 1º de março de 1925 ocorre a primeira edição, com a chefia do ex-redator do *Correio do Povo*, Francisco Leonardo Truda,⁶² além de Adroaldo Mesquita da Costa e José Pedro Moura, entre outros. No número de estreia, também chamado de artigo-programa, o novo jornal expressa seus objetivos, esclarecendo que “Fugiremos, deliberadamente, ao sensacionalismo com que, mais de uma vez, nestes últimos tempos, se tem confundido a noção de jornalismo moderno.”⁶³

A estratégia deste jornal era o seu estabelecimento enquanto uma empresa jornalística, sendo assim, seu maior trunfo era o departamento comercial, com um grande número de anunciantes. Seu programa ainda incluía:

Em duas palavras, aliás, se resume todo o nosso programa: seriedade na informação, honestidade na crítica. (...) É preciso mais, é preciso que o jornal seja 'do público para com ele mesmo, o eco dos seus sentimentos, das suas aspirações, das suas necessidades', Esse eco só se pode traduzir através do exercício sereno, elevado, da crítica desapaixonada mas sincera e leal, atingindo e envolvendo tudo quanto diga respeito ao bem público. E porque assim o entendemos, nada do que possa interessar à coletividade encontrará indiferente o 'Diário de Notícias'. (...) Ensinavam os velhos mestres da língua que crítica é a 'arte de discernir o verdadeiro do falso, o bom do mau'. É com esse critério que praticaremos a crítica. (...) Exercida objetivamente, com a maior isenção de espírito, com uma total independência que não exclui, mas, antes, se alicerça na mais absoluta serenidade, ela não se deixará

60 São realmente poucos os trabalhos conhecidos até o momento que utilizam o *Diário de Notícias* como fonte. Destaco, a nível acadêmico, os trabalhos de: STEFFENS, 1998; COSTA, 2004; e OLIVEIRA, 2008.

61 GRANDI, Celito de. **Diário de Notícias**: o romance de um jornal. Porto Alegre: L&PM, 1999.

62 Truda deixou o *Correio do Povo* – fundado por Caldas Júnior – devido à discordâncias com o diretor, José Alexandre Alcaraz.

63 Nesta pesquisa, optamos por transcrever o conteúdo do jornal com a grafia atualizada.

desviar por paixões subalternas e não será arrastada pelo ardor das contendas que deprimem, minimizando, por isso mesmo que o 'Diário de Notícias' surge liberto de todo vínculo partidário e quer percorrer a sua estrada à margem da política e acima dos partidos. (...) Fugir das querelas dos partidos, não dar ouvidos às solicitações da política não significa, porém, abdicar do direito de pensar, renunciar a faculdade de ter uma opinião e externá-la, que essa é, antes, a missão capital da imprensa. (...) Estabelecer uma comunhão íntima e perfeita de ideias e sentimentos entre o 'Diário de Notícias' e seus leitores, ir buscar nessa interpenetração recíproca e profunda, a razão de ser dos nossos pronunciamentos e das nossas análises – tais serão elementos em que fundaremos os nossos direitos ao título de órgão legítimo da opinião pública.”⁶⁴

Segundo Derocina Alves Campos Sosa, o *Diário* assumia uma posição mais independente em comparação com o *Correio*.

Anunciou situações que foram sendo percebidas no cenário nacional antes dos demais. Isso ocorreu, por exemplo, quando abriu a seguinte manchete: “*Anuncia-se que o governo federal decretará, em breve, a extinção dos partidos políticos. Será decretada a extinção dos antigos partidos políticos?*” Efetivamente foram extintos os partidos no dia seguinte conforme havia anunciado o jornal (p. 59).⁶⁵

O surgimento do *Diário de Notícias* (RS) ocorre em um contexto de passagem de um jornalismo “político-partidário” para um jornalismo baseado em “empresas jornalísticas”. Ao estudar o desenvolvimento da imprensa brasileira, Sodré (1999) alerta que o novo jornal é condizente com o que se denomina de “grande imprensa”, através do surgimento das empresas jornalísticas, em uma conjuntura já citada na introdução deste trabalho. Ao examinar a trajetória do jornalismo no Rio Grande do Sul, Rüdiger (1998) – assim como Sodré – situa o advento do *Diário de Notícias* (RS) em um quadro de crise do jornalismo político-partidário, evidenciado pelo jornal do governo *A Federação*.

O declínio desse formato de jornalismo se deve a fatores como a crise mundial do pós-guerra, encarecendo o preço da importação do papel; a ascensão das novas classes médias, com a formação de novos propósitos culturais, diversificando o público leitor, que passou a exigir padrões editoriais e gráficos que o jornalismo político-partidário não oferecia; em seguida, na década de 30, a situação política do país recebe agravantes: a partir das Revoluções de 30 e 32, bem como do Estado Novo, em 1937, diversos jornais são fechados.⁶⁶

Inclusive, a história do *Diário* não seria a mesma sem o advento do Estado Novo, decretado por Getúlio Vargas que, em 1937, faz uma opção pelo fechamento da imprensa partidária. Desta forma, tornou-se dominante o modelo de imprensa de massas, baseado em

64 Editorial nº 1. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 1º/03/1925.

65 SOSA, Derocina Alves Campos. *A História Política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha*. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

66 RÜDIGER, op. cit., p. 43-46.

empresas jornalísticas sem vinculação político-partidária. Ademais, “a modernização das relações sociais havia progredido, permitindo uma diminuição da dependência ao campo político”.⁶⁷

Partindo dessa perspectiva, Rüdiger (1998) aponta o *Diário de Notícias* (RS) – fundado no século XX, com alguma presença crítica mais marcante - e o seu concorrente, *Correio do Povo* - fundado ainda no século XIX com uma proposta de imparcialidade bem ao estilo das modernas empresas jornalísticas - como a vanguarda do “jornalismo informativo” no Rio Grande do Sul, devido aos padrões capitalistas da organização empresarial e pelas posturas que adotavam em relação às novas demandas. Isto foi a essência do seu fortalecimento, com o impulso da industrialização na década de 30, a expansão das atividades comerciais e a criação do mercado publicitário, permitindo a modernização dos periódicos, além da concentração do trabalho da imprensa em poucas empresas, facilitando a distribuição dos anúncios e das receitas.⁶⁸

Ao final da década de 20, o *Diário de Notícias* enfrenta uma grave crise econômica. Isto posto, Assis Chateaubriand - que se envolvia com a campanha para a presidência da República apoiando Getúlio Vargas – inicia a produção de sua rede de jornais e compra o periódico em 1930, utilizando dinheiro da Aliança Liberal, a chapa de Getúlio, seguindo com a defesa dos postulados da Aliança e do movimento revolucionário. O *Diário de Notícias*, desta forma, passa a integrar o grupo chamado de *Diários Associados*, que depois também possuiu estações de televisão e rádio⁶⁹, sendo o o primeiro jornal do Rio Grande do Sul a se integrar a uma rede nacional de comunicações.

A partir disso, o periódico começa a estar presente nos assuntos políticos do país de forma mais direta, fornecendo a dinâmica da modernização ao jornalismo gaúcho, relacionando-se à indústria cultural, com a construção de conglomerados de comunicação, unindo emissoras de rádio e jornais em todo o Brasil. Destina seu apoio a Getúlio nas eleições e na revolução de 30, no entanto, com o Levante Paulista de 1932, iniciam-se as primeiras divergências, como aponta Barbosa (2007) com o distanciamento do governo, a rigorosa censura e muitas prisões.⁷⁰

Diante dessa conjuntura, o jornal permanece fechado de julho de 1932 até dezembro

67 Id., Ibid., p. 54.

68 Id., Ibid., p. 61-63.

69 Esse processo fica marcado pela compra das rádios Farroupilha (1943) e Difusora (1944) pelos *Diários Associados*.

70 BARBOSA, op. cit., p. 122.

desse mesmo ano, com a prisão de vários jornalistas, como Ernesto Correa, que mais tarde foi diretor do *Diário de Notícias*. Após esses episódios, não são feitas maiores oposições ao Estado Novo e mantiveram-se relações de cumplicidade com o governo Vargas. Conforme Andréa Torres, a função no Rio Grande do Sul de amenizar a situação entre governo e imprensa estaria a cargo do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, verdadeiros “patrocinadores” locais da expansão dos ideais nacionalistas do Estado Novo, exercendo: “o papel fundamental de mediação de uma unidade nacional, a partir de um projeto político” (p. 58)⁷¹.

Contudo, em 1945, com a redemocratização, inicia-se uma campanha antivarguista contundente, acompanhando o ritmo dos outros órgãos associados e da maior parte da imprensa brasileira, até chegar ao suicídio de Vargas, em 1954. Inclusive, durante a crise que ocorria nesse ano, o *Diário de Notícias* publicou trechos do jornal *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, maior opositor de Getúlio e alvo do atentado na rua Toneleiros. A utilização desses trechos servia para complementar as opiniões que o editorial do periódico expressava.

As consequências da campanha antivarguista empreendida pelo jornal são péssimas. A população porto-alegrense se revolta após o suicídio de Vargas, pois simpatizava com o falecido presidente, e ataca vários estabelecimentos que se identificavam com o capital norte-americano, como a embaixada estadunidense e o City Bank, além de partidos políticos, como a UDN. Ademais, os prédios dos órgãos de comunicação foram atacados com a justificativa de que faziam campanha opositora a Getúlio. Alguns deles foram o jornal *O Estado do Rio Grande*, pertencente ao Partido Libertador e o *Diário de Notícias*. Estes locais foram incendiados por uma multidão furiosa, marcando o início do declínio do jornal.

Após ficar seis meses sem circular, o jornal volta em março de 1955, com um enorme prejuízo financeiro. Seus diretores eram sujeitos que traziam concepções políticas diferentes entre si, dificultando a caracterização do jornal referente a uma tendência política específica. Ernesto Correa não era filiado a nenhum partido político, mas Grandi (1999) aponta que era simpatizante de Getúlio Vargas; Say Marques era membro do Partido Libertador e vereador em Porto Alegre, e João Calmon – especialmente designado por Assis Chateaubriand para fazer uma reestruturação no jornal - do Partido Social Democrático (PSD).⁷² Segundo Rüdiger (1998), o jornal ressurgiu com “uma linha mais conservadora”, gerando a perda de contato

71 TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa e Estado Novo: do discurso nacionalista ao discurso democrático. In: ALVES, Francisco; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **Imprensa e história**. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 1997.

72 GRANDI, op. cit., p. 85.

com os novos públicos de leitores⁷³, até chegar a crise que provocou o fechamento do jornal, no dia 30 de dezembro 1979. Neste sentido, Grandi (1999) aponta que comparada aos acontecimentos de 1955, a postura dos *Diários Associados* foi mais sutil desta vez do que em 1954, sem se posicionar tão claramente quanto aos acontecimentos políticos. Outro elemento importante é que a adoção de conservadorismo não era postura inédita, gerada pelo incêndio do jornal, pois encontrava apoio tanto no seu proprietário quanto na rede a qual fazia parte.

Podemos indicar que o posicionamento do jornal estava voltado agora à defesa do liberalismo político, da livre iniciativa, do antinacionalismo, do impulso ao desenvolvimento por meio do capital internacional. É necessário lembrarmos de alguns aspectos levantados no decorrer deste trabalho, como a defesa de que o jornal tem um opinião e a defende sistematicamente, mesmo que não faça isso de forma explícita, produzindo notícias superficiais que formatavam a opinião pública, utilizando diagramação e termos comparativos. No editorial em que comemorava 33 anos da primeira publicação, o *Diário de Notícias* relembra os momentos em que esteve atento aos acontecimentos políticos e que, segundo sua interpretação, representou o desejo e a opinião da população gaúcha, cumprindo uma “missão” a qual se dispôs:

Longa etapa de esforços e de devoção à terra, ao homem e às coisas do Rio Grande comemora, hoje, o DIÁRIO DE NOTÍCIAS: 33 anos. Todos os que labutam nesta casa – extremo bastião meridional dos 'Diários Associados' – ufanam-se do seu trabalho e têm um sentimento claro de seu comportamento e de sua contribuição ao progresso da comunidade rio-grandense. Surgimos num instante crucial do curso orgânico do nosso Estado: quando o Rio Grande apurava suas tradições cívicas para ingressar na era da sua autonomia espiritual, através do pleno exercício do voto livre e indevassável. Importante foi a participação do DIÁRIO DE NOTÍCIAS no advento e no fortalecimento do novo roteiro institucional do R. Grande, como importante foi, também, pouco depois, o papel que desempenhamos na magna revolução que conferiria maturidade política ao Brasil e o alçaria ao mesmo plano das grandes democracias mundiais. Daí até hoje a vida do DIÁRIO DE NOTÍCIAS tem-se confundido com a própria vida do Rio Grande. Temos a convicção do dever cumprido. Em momento algum – diz-nos a consciência – estivemos ausentes a qualquer chamamento do Rio Grande. Onde quer o interesse autêntico do Estado se configurasse, ali estava presente o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, pugnaz, vigilante, veemente, irreduzível, munido por alto espírito público, no amparo e defesa das boas causas coletivas. Achamos que temos uma noção exata da nossa missão profissional. E que ao cumprimento dessa missão nos consagramos, sem falsa modéstia, com destemor, independência e imparcialidade. Inspirados nesses propósitos, de que força alguma nos poderá arredar, estamos certos de exprimir em nossas páginas a opinião rio-grandense, com a lealdade, a firmeza e a intrepidez que são o orgulhoso florão da gente gaúcha.⁷⁴

Apesar de defender uma postura de imparcialidade, é necessário considerar que o

73 RÜDIGER, op. cit., p. 80.

74 Editorial “33 Anos”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 1/3/58.

periódico continuou se posicionando politicamente, em virtude dos compromissos de seu proprietário. Um desses casos é o envolvimento de Assis Chateaubriand com a campanha de Juscelino Kubitschek e os eventos decorrentes. O *Diário de Notícias*, como órgão integrante dos Diários Associados, teve uma posição perante esses acontecimentos políticos, procurando defendê-la diante de seus leitores. O jornal, enquanto instrumento de manipulação e intervenção na vida social, defendeu a posse de Juscelino Kubitschek dos ataques da oposição, pelas inúmeras ligações que seu proprietário, Assis Chateaubriand, tinha com JK, tanto no nível político-partidário como no pessoal. O *Diário* procurou focar uma normalidade associada com a legalidade para refutar os opositores. Sendo assim, garantia-se a posse de um candidato que estava de acordo com o que o grupo jornalístico defendia. Antes da ditadura, ao longo dos anos 1950 e início dos anos 1960, os jornais brasileiros, motivados pelas disputas ideológicas do pós-Segunda Guerra Mundial, promoviam intensos debates sobre as possibilidades de transformação das sociedades latino-americanas, sobre o seu potencial de desenvolvimento econômico e as possibilidades de diminuir o atraso, a dependência, as desigualdades sociais e as possibilidades de se fazer a "revolução". Particularmente, o *Diário de Notícias* (RS) foi palco dessas discussões.

Um elemento que é necessário ser reconhecido é que a segunda metade do século XX foi o período das grandes corporações, que utilizavam mais de um formato de comunicação. Precisamos considerar que o país tinha grande parte da população em condição de analfabetismo, neste sentido, o rádio podia chegar mais facilmente a uma parcela maior da população em comparação ao jornal que, nesses casos, poderia veicular menos informações. No entanto, sua análise não perde, em nenhuma medida, a relevância para compreendermos os posicionamentos de uma grande empresa jornalística. Vivemos em um contexto de mídias de jornal e televisão que passam a ser questionadas, com a desmontagem de suas posições de imparcialidade e neutralidade políticas. A partir da década de 1980, têm crescido em quantidade e qualidade os trabalhos que utilizam o jornal como fonte, com um maior refinamento teórico e debates com a área da comunicação. O questionamento atual sobre os meios de comunicação têm contribuído para uma melhor problematização sobre os cuidados na leitura dessas fontes específicas. Neste trabalho, buscamos mostrar como um órgão da imprensa teve um posicionamento decorrente de seus compromissos assumidos e como os defendeu diante do leitor. Acreditamos na perspectiva de que o campo de pesquisa com as fontes jornalísticas tende a aumentar e se qualificar ainda mais.

3 A REVOLUÇÃO CUBANA SEGUNDO O JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (RS)⁷⁵

3.1 EDITORIAIS

O espaço categórico para examinar as tendências ideológicas e políticas de um periódico é o editorial. Este normalmente ganha um cuidado maior por parte do historiador que investe neste gênero de fonte. Efetivamente, é por meio deste local que podemos conferir o posicionamento de um jornal perante determinadas questões, assim como as transformações na direção assumida no decorrer do tempo por esse jornal. Desta forma, neste ponto o discurso de classe normalmente se afirma, com seu texto exercendo a função de materializar a opinião daqueles que comandam as empresas jornalísticas. A opinião expressa nas páginas do *Diário de Notícias* estava envolta na crença de que este meio de comunicação era responsável por representar e dar voz às ideias e valores da população brasileira. Sendo assim, no editorial do dia 1º de maio de 1958, o jornal reafirma sua “missão”, fundamentando-se em uma moção publicada pela ABI (Associação Brasileira de Imprensa):

“A imprensa brasileira, aos jornais e jornalistas, cabe nesta etapa uma função capital no esforço de esclarecer e orientar o povo brasileiro. Que quantos militam no jornalismo tenham presente a importância dessa missão, e atuem de acordo com ela, tendo em vista, acima de tudo, os interesses do Brasil, que hão de preponderar, necessariamente, sobre os dos partidos, dos grupos e das facções”. São imensas as responsabilidades da imprensa porque ela, em face da imaturidade política, é um órgão de características definidas, consciente do papel que lhe cabe desempenhar. Tem a imprensa do Brasil, com as eleições de outubro, “uma oportunidade a mais de prestar serviços à causa da nação” - diz ainda a moção da Associação Brasileira de Imprensa. Essa oportunidade será bem aproveitada porque o chamado quarto poder tem consciência do valor da sua missão e vem dando sobejas provas de fidelidade ao ideal democrático apoiando, com raras exceções, os poderes constituídos e denunciando os movimentos dos inimigos do regime.⁷⁶

A primeira constatação foi de uma grande desproporcionalidade entre o perigo real que Cuba representava para o Brasil e a inquietação - pode-se dizer temor - que a revolução causara na grande imprensa. O tratamento da imprensa parecia hiper-dimensionar o “perigo” do comunismo latino-americano. Este panorama é encontrado no *Diário de Notícias*, em episódios em que o espaço dos editoriais foi empregado para expressar posições diante da

75 Na análise das fontes entre os anos de 1958 e 1960 não obtivemos acesso às tiragens dos meses de janeiro e fevereiro de 1959, devido à ausência destes exemplares no local de pesquisa. No entanto, entendemos que não houve prejuízo ao conjunto do trabalho, considerando que a análise foi feita até o final de dezembro de 1958 e que, em muitos casos – especialmente no boletim internacional – o periódico não noticiava as informações exatamente no momento em que tinham ocorrido, e sim algum tempo depois.

76 Editorial: “As responsabilidades da imprensa”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4.

Revolução Cubana e de questões vinculadas a ela. Efetivamente, notamos que as análises editoriais elaboradas a respeito desse processo foram diretamente influenciadas por características integrantes do contexto da nação, como a preocupação e resistência diante do comunismo; a manutenção de valores entendidos como componentes da civilização ocidental e a exigência de um governo firme, capaz de guiar os caminhos do país. Desta forma, o jornal alerta para um

maquiavélico propósito de arrastar o nosso país para a órbita soviética, como se fosse possível a um povo democrático e cristão renunciar ao seu passado e trair os seus amigos, as nações que comungam do mesmo ideal de liberdade e decência.⁷⁷

Neste sentido, qualquer aproximação com a União Soviética resultava em discussões feitas pelo periódico alertando sobre tal iminência de relação e utilizando os editoriais como espaço para transmitir esse indício, muitos deles utilizando o título “*O Brasil e o comércio com a União Soviética*”, somente modificando o texto a cada publicação. São informações, portanto, que envolvem um caráter pedagógico, visando apresentar a situação vivida por Cuba através de uma linguagem simplificada e superficial, em muitos casos. Esse sentimento e as contradições ideológicas entre as elites latino-americanas e as classes populares foram alvo de análise de muitas reportagens do periódico.

Cuba passava a figurar no meio desses debates, apresentada como o “inferno” ou o “paraíso”. Essa tradição jornalística tendeu, em alguns casos, à incorporação dos aspectos ideológicos mundiais polarizados do pós-guerra que foram expostos e debatidos nas páginas do jornal. O editorial servia, também, como uma forma de estimular as ações das autoridades políticas em direção a determinados posicionamentos defendidos pelo jornal. O presidente da república em 1958, Juscelino Kubitschek, era aconselhado a tomar precauções em relação a URSS:

Confiemos, porém, na sagacidade do mineiro que ocupa a presidência da República. Ele sabe o que se oculta atrás da cordialidade de Krutchev, sabe qual é a posição do Brasil no panorama político do mundo, e sabe, principalmente, que da União Soviética nada nos pode vir que se aproveite.⁷⁸

A Revolução Cubana trouxe para o conteúdo do jornal *Diário de Notícias*, de forma muito viva, a possibilidade de uma revolução anti-imperialista liderada por uma pequena vanguarda armada e com grande apoio popular. Portanto, a propaganda anti-imperialista parecia ser, para o periódico, o primeiro passo para o socialismo. Se há uma mudança

⁷⁷ Editorial: “Contra a contaminação irremediável”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 09/01/58.

⁷⁸ Editorial: “As tentações do demônio russo”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 24/01/58.

significativa na abordagem do *Diário de Notícias* entre o período anterior à Revolução Cubana, mais especificamente o ano de 1958 e os anos posteriores a ela, é que depois dela o jornal passou a acreditar que a revolução na América Latina era uma possibilidade, e que a bandeira do nacionalismo e anti-imperialismo estariam relacionadas rumo a um resultado socialista. Outra questão que perturbava o periódico era a instabilidade política nos países vizinhos ao Brasil. Quando Richard Nixon, vice-presidente dos Estados Unidos em 1958, veio à América Latina, o editorial do *Diário de Notícias* fez questão de mencionar que o Brasil não fazia coro às hostilidades que Nixon enfrentou no território latino-americano e que os conflitos eram originários de pequenos grupos opositores:

Embora tenham sido muito desagradáveis os incidentes ocorridos durante a visita do vice-presidente dos Estados Unidos, sr. Richard Nixon, a alguns países da América do Sul, carecem da importância que lhes tem sido atribuída. Em primeiro lugar, porque não exprimem o sentimento dos povos visitados e, sim, de uma minoria ínfima de comunistas que obedecem aos cordeis movidos em Moscou. Os comentários da imprensa soviética a respeito, transbordando de satisfação, indicam muito bem a origem e os motivos das manifestações contra a segunda personalidade do governo americano. Trata-se de acentuar a campanha principal de que se acham encarregados os agentes comunistas na América Latina, ou seja criar animosidade entre a primeira das repúblicas dos continentes e suas coirmãs.⁷⁹

Poucos dias depois, outros incidentes envolvendo Richard Nixon em viagem pela América Latina, rendem análises do periódico sobre a relação mantida entre Estados Unidos e América Latina:

O objetivo principal é destruir a solidariedade panamericana, com o sentido de tornar mais fácil a penetração do imperialismo soviético nesta parte do mundo. Não se pode negar que há certos ressentimentos anti-americanos, oriundos da desatenção com que o governo de Washington tem aparentemente tratado alguns problemas econômicos fundamentais para o hemisfério. Mas a viagem de Nixon tinha por fim, exatamente, examinar esses problemas, com o fito de ajudar a criação de um entendimento mais profícuo entre os Estados Unidos e a América Latina. É pois, injustificável que um mensageiro de paz e boa vontade seja recebido pela maneira tormentosa que vem anunciada nos jornais. Admite-se que os adversários dos Estados Unidos se retraíssem durante a recepção ao vice-presidente, que o acolhessem com frieza. Mas excede a tudo quanto é regra da cortesia e até do bom senso apredrejá-lo, pondo a sua vida em risco, como ocorreu na Venezuela.⁸⁰

O *Diário de Notícias* se empenhava, a todo momento, na função de aproximar as imagens do Brasil e dos Estados Unidos e estreitar seus laços e semelhanças de posicionamentos. Outro elemento sempre presente é a descrição contundente das falhas do comunismo:

79 Editorial: “Garantia da paz e da segurança na América”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 20/05/58.

80 Editorial: “Lição dos fatos”. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, p. 4, 05/06/58.

O regozijo de que está possuída a América Latina é, pois, perfeitamente justificado. Vamos entrar em uma nova fase construtiva. Uma fase em que, como judiciosamente disse o ministro Negrão de Lima, o ataque ao subdesenvolvimento em nosso hemisfério terá a mesma importância e categoria de uma operação estratégica contra o inimigo. O comunismo só progride onde há miséria e jamais venceu, em qualquer país, senão pela violência da intervenção estrangeira. Para se manter o regime comunista, é indispensável suprimir todas as liberdades, inclusive as mais rudimentares prerrogativas da personalidade humana. É a mais negra e cruel escravidão que já se verificou na história humana. No dia em que o Exército Vermelho se retirar dos desgraçados países que se encontram sob o seu tacão, o comunismo desaparecerá, dissipado pela presença da liberdade como a luz da manhã dissipa os terrores da noite. Brasil e Estados Unidos acham-se, hoje como ontem e amanhã, conscientes de suas responsabilidades históricas e do que significa a sua amizade incomovível, como estão conscientes dos seus deveres para com os vizinhos e amigos do hemisfério. Não há aqui pretensões a lideranças, competições de prestígio, desejo de comando. O que nos inspira é o sentimento da igualdade, da fraternidade e da liberdade, sedimentado cada vez mais pelo desejo de colaboração no plano econômico, a fim de que todos possam, neste continente, desenvolver-se e prosperar, de acordo com as riquezas com que foram brindados por Deus. Como esperávamos e era tão fácil de predizer, as duas maiores repúblicas da América estão firmes e seguramente unidas na paz e na guerra. Unidas para o bem, felicidade e engrandecimento de todos.⁸¹

O fantasma do comunismo era mencionado quando o jornal pretendia reafirmar suas posições e interesses e quando encontrava coerência em determinadas ações governamentais voltadas a uma aproximação com os Estados Unidos e consequente distanciamento de posturas anti-americanas. Além disso, também era defendido e aprovado um comportamento conservador, voltado à religião e às questões morais:

O perigo comum é o perigo comunista e uma vez que o Brasil reclama coragem em seu combate, não vemos razão para esse subterfúgio de ocultar-lhe o verdadeiro nome. Defender e aperfeiçoar as conquistas espirituais e morais do homem é o verdadeiro caminho para preservar a civilização que é o apanágio da vida ocidental. Se não contribuirmos para esse aperfeiçoamento, teremos abandonado o campo próprio de nossa luta e faltado ao dever essencial que ela impõe. A grande separação que de fato existe entre Ocidente e Oriente, ou seja entre democracia e comunismo, está na prevalência das forças espirituais no primeiro e sua absoluta eliminação no segundo. O comunismo faz tábua-rasa de todos os valores do espírito, a começar principalmente pelos valores de ordem moral inspirados pelo sentimento religioso, pelo sentimento de que o homem não é apenas matéria e possui um destino ultraterreno. A luta contra o comunismo deve, pois pôr o seu acento na revalorização dos princípios religiosos de que decorre a moral cristã. É em nome dos direitos humanos ligados a esses princípios que devemos bater-nos contra o subdesenvolvimento, encarado como uma condição de inferioridade física contrária aos ideais superiores do cristianismo. Fez bem o governo brasileiro incluindo entre os objetivos da Operação Pan-Americana o robustecimento das ideias fundamentais da civilização ocidental, as quais constituem o fundo do desacordo inconciliável entre o comunismo materialista e os povos que acreditam em Deus e na sobrevivência da alma.⁸²

Cuba foi o primeiro e único país latino-americano que, tendo realizado uma revolução

81 Editorial: “Brasil e Estados Unidos: União indissolúvel”. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, p. 4, 09/08/58.

82 Editorial: “Defesa das forças morais”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 26/08/58.

contra o domínio oligárquico, acabou assumindo-se como socialista. As elites tinham receio de ver Cuba transformada em modelo de sociedade e temiam que os movimentos populares se radicalizassem de maneira incontrolável. O mesmo empenho empregado na defesa do Brasil contra o comunismo pode ser observado em relação à Revolução Cubana. Uma forte efervescência cultural, juntamente com a mobilização proletária e camponesa, bem como os projetos nacionalistas representados por governantes populistas, eram considerados perigosos para a segurança nacional. Mais do que isso, esses projetos eram vistos como uma verdadeira ameaça à segurança do ocidente.

O clima bipolar imposto pela luta entre capitalismo e comunismo, determinara a constituição de uma posição ideológica, colocada a serviço dos Estados Unidos e de seus aliados, destinado a fornecer fundamento científico à ideia de que a defesa hemisférica justificava uma guerra total contra o comunismo. Com isso, a autonomia dos países latino-americanos foi censurada ou se auto-impôs o silêncio acerca de temas vistos como perigosos pelos órgãos repressivos. O periódico ressaltava a influência exercida pela cultura da Europa Oriental em Cuba e discutia os benefícios advindos desta proximidade assim como os possíveis danos que a influência poderia causar ao país.

A produção jornalística do *Diário de Notícias* sobre Cuba tentou entender seus possíveis efeitos nas lutas sociais do Brasil. As interrogações acerca do futuro e das perspectivas revolucionárias da ilha estiveram sempre envolvidas pelas inquietudes acerca do futuro nacional e das expectativas geradas a partir das influências da Revolução Cubana. A respeito do curso tomado pelo revolução, verificamos nas páginas do jornal uma feroz campanha contra os caminhos percorridos por Cuba pelas mãos do governo de Fidel Castro. Gradativamente, a esperança de renovação da política cubana após anos de ditadura foi cedendo lugar às críticas e à oposição aberta. Aos poucos, a Revolução passou a ser vista como sinônimo de instabilidade.

Algumas hipóteses de trabalho foram levantadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa e puderam ser comprovadas ou não. Em primeiro lugar, verificamos que, entre janeiro de 1958 e maio de 1959, o *Diário de Notícias* apresenta uma posição ambígua em relação à Revolução Cubana. Ao lado da esperança de renovação da realidade política cubana com a deposição de Fulgêncio Batista, havia a preocupação quanto aos rumos que ela poderia assumir, em razão da figura de Fidel Castro, bem como de outros líderes revolucionários, como Ernesto “Che” Guevara e Raúl Castro. Por um lado, o jornal destaca a censura à

imprensa em Cuba e Batista é retratado como ditador: “*Cuba, sob censura. Calma, mas tensa*” (14/03/58, p. 2); por outro, o governo é representado como defensor da estabilidade cubana: “Governo de Cuba defenderá a lei e a ordem firme e energicamente” [...] “Batista: Oposição deve depor as armas e renunciar aos seus planos sangrentos” (25/03/58, p. 2).

Essas contradições expressavam-se em vários aspectos da abordagem sobre Cuba. Era notável a incorporação dos aspectos ideológicos do pós-guerra, pela transposição dos problemas cubanos para o Brasil e uma frequente comparação entre as duas realidades. De forma clara mostrava-se repulsa ao socialismo soviético e uma tentativa de encontrar semelhanças com Cuba ou diferenças bem marcantes. Com o passar do tempo, aumentou o destaque e a mitificação das principais figuras revolucionárias, como Che Guevara e Fidel Castro. São descritas as dificuldades de trabalho jornalístico na ilha e de obter informações confiáveis. Enfim, eram dúvidas, indagações, críticas veladas e outros temas, cuja característica principal e comum a todos eles, era a da simultânea atração e repulsa, admiração e desprezo.

Em maio de 1959 é instituída a Lei de Reforma Agrária, enquanto o *Diário de Notícias* radicaliza a sua posição, assumindo-se explicitamente contrário aos desdobramentos da Revolução. Na medida em que foram sendo efetivadas as reformas de caráter estrutural na economia cubana, as críticas à Revolução se tornaram crescentemente mais ásperas, com destaque para o temor de uma “comunização” da ilha. Crescia, portanto, a preocupação com a influência da esquerda em Cuba sobre o novo governo, assim como com o fortalecimento do poder pessoal de Fidel Castro, que frequentemente manifestava acusações contra o imperialismo. Como resultado, o *Diário de Notícias* apoiava algumas medidas adotadas pelo governo norte-americano consideradas eficazes, objetivando frear o ritmo das reformas empreendidas pelo governo de Cuba, além de cobrar do governo brasileiro ações ríspidas contra a ilha, elaborando e defendendo propostas para lidar com essa questão.

Além disso, a análise empreendida pelo jornal *Diário de Notícias* sobre a Revolução Cubana assumiu um caráter fortemente ideológico, determinado pelo posicionamento político de Assis Chateaubriand, dono do grupo Diários Associados, de orientação conservadora, que, no cenário internacional marcado pela Guerra Fria, assumiu o tom de defesa do capitalismo, auxiliando, por conseguinte, na defesa dos interesses norte-americanos. Uma das principais preocupações manifestas através do jornal era quanto ao antiamericanismo manifestado por Castro e os danos que isso poderia causar nas relações entre Cuba e Estados Unidos, e deste

com a América Latina como um todo, reconhecendo o apelo popular da Revolução Cubana na América Latina. Ademais, era presente entre alguns setores da sociedade brasileira uma visão que estabelecia fronteiras entre “nós” (brasileiros) e “eles” (latinos).

Nas primeiras referências ao processo revolucionário no ano de 1959, vê-se uma postura que se repetiu durante alguns meses após a tomada de poder pelos rebeldes. A exaltação pelo processo e a resistência em defini-lo como “comunista” ou “socialista” é a principal característica da abordagem do *Diário*. A situação de luta do povo cubano, segundo os editoriais, deu-se contra os “capitalistas estrangeiros” para fundar um “regime realmente democrático” com a soberania de Cuba. Os atritos com os Estados Unidos teriam se iniciado por este não aceitar as medidas anti-imperialistas tomadas pelos revolucionários, incluindo aqui a reforma agrária.

O *Diário de Notícias* fazia uma defesa explícita dos benefícios da OPA (Operação Pan-Americana), e das posições adotadas pelos Estados Unidos na entidade. Neste sentido, discordava de Cuba, indicando que “proposições como fez o ditador de Cuba, sr. Fidel Castro no Comitê dos 21, são de molde a alarmar a opinião americana e a dificultar por conseguinte o êxito do trabalho dos demais”. Fidel é descrito como um “jovem e inexperiente chefe revolucionário” que comete um “exagero propagandístico”.⁸³ Acerca das relações entre Brasil e FMI (Fundo Monetário Internacional), o jornal preconiza que

Os respeitáveis interesses de nosso país não carecem, para ser defendidos adequadamente, que comunistas e nacionalistas se mobilizem para fazer demonstrações contra os Estados Unidos. Isso pode ser interessante no Iraque ou em Cuba, mas as nossas condições são diversas e a situação que ocupamos na América e no mundo têm responsabilidades muito maiores (...) Não fica bem a uma nação de conceito, honradez e probidade como o Brasil.⁸⁴

Nesse sentido, o jornal reafirmava a seu público-leitor a importância da manutenção da proximidade com os Estados Unidos e da união das Américas:

A amizade que existe entre o Brasil e os Estados Unidos não é suscetível de ser abalada por um incidente mínimo, no qual não se pode encontrar qualquer responsabilidade do governo americano, o qual não toma decisões pelo FMI e nem influi sobre elas. O resto é exploração dos comunistas e nacionalistas, sempre estreitamente aliados, no esforço para a destruição das bases morais e políticas da vida brasileira.⁸⁵

A importância das relações entre Brasil e Estados Unidos também é expressa na forma

83 Editorial: “Política e economia na OPA”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 16/05/59.

84 Editorial: “Não fica bem ao Brasil”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 20/06/59.

85 Editorial: “Amizade sólida e incomóvel”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 4, 27/06/59.

como convivem a imprensa e o governo norte-americano. Para o *Diário de Notícias*, os Estados Unidos conferem grande poder à imprensa e é atento às opiniões que ela transmite. Diante disso, tem “grande contribuição na publicidade dos fatos e gera na população maior interesse pelas coisas do resto do continente”. Constantemente em seus editoriais, o periódico faz demonstrações de apoio aos Estados Unidos e à sua política:

O nacionalismo vermelho não conseguirá impor-se na América Latina, se os Estados Unidos somarem os seus esforços aos dos seus amigos das repúblicas irmãs no combate às dificuldades econômicas, à pobreza e à fome que são os cavalos de batalha de que se utilizam os comunistas para alimentar o antiamericanismo.⁸⁶

Enquanto Fidel Castro insistia na necessidade de uma conferência mundial dos países subdesenvolvidos - inclusive convidando o Brasil – o *Diário de Notícias* aconselhava o governo brasileiro a não associar-se a essa reunião:

Trata-se aqui evidentemente de uma tentativa para trazer à solo americano problemas políticos que se encontram na base da guerra fria (...) A intenção de criar dificuldades aos Estados Unidos, de permitir que a União Soviética possa eventualmente intrometer-se nas questões peculiares da América é óbvia na ação de Fidel Castro. Na hora presente falta ao governo cubano autoridade internacional para alinhar os povos democráticos em face de qualquer causa. Cuba acha-se em pleno regime de terror, com tribunais de exceção funcionando, a imprensa arrolhada e perseguida, os direitos do homem espezinhados e desconhecidos. Sucedem-se as conspirações, os ataques à mão armada, os atos de terrorismo na ilha. Não existe a mínima segurança legal, moral e espiritual para ninguém. Nem mesmo as regalias diplomáticas são respeitadas (...) A conferência de Havana, e isso não é segredo para ninguém, foi inspirada pelos comunistas. Envolve no seu jogo o propósito de expor e incompatibilizar os Estados Unidos com os países subdesenvolvidos para regalo da União Soviética. Qual a justificativa moral, social, econômica ou financeira dessa encartada vermelha com a qual os revolucionários cubanos provam mais uma vez as suas vinculações ideológicas com os interesses de Moscou?⁸⁷

No dia seguinte, o editorial divulgou que “como se esperava” o governo brasileiro não julgou “oportuno” o seu comparecimento na conferência de países subdesenvolvidos proposto por Cuba. Contudo, o jornal entende que “não vai em nosso gesto nenhuma hostilidade ao projeto cubano” e considera que a participação do Brasil e de outros países iria “distrair a atenção dos governos latino-americanos para questões de ordem econômica da Ásia e da África.” Destaca ainda a “instabilidade governamental” e o “dissídio com os Estados Unidos” como empecilhos para essa aproximação.⁸⁸ Os editoriais seguintes continuam demonstrando uma forte apologia à Organização Pan-Americana em detrimento da “nebulosa” conferência de países subdesenvolvidos, de iniciativa cubana, pois o *Diário de Notícias* entende que “seria

86 Editorial: “Falso nacionalismo”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 19/11/59.

87 Editorial: “Tentativa cubana para liquidar a 'OPA'”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 28/01/60.

88 Editorial: “Resolução acertada”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 29/01/60.

totalmente inconveniente desviar os esforços dos países deste Continente, para vagos planos de âmbito mundial”. O periódico destaca que a OPA pretende, antes de tudo,

formular em bases corretas e precisas os programas de colaboração internacional, eliminando, definitivamente, quaisquer traços da antiga e abjeta política dos “famintos sem escrúpulos” que, ainda hoje em algumas regiões do mundo caracterizam as relações de certos ditadores com as potências industrializadas.⁸⁹

Um editorial de março de 1960 comenta as impressões que o *Diário de Notícias* estabeleceu em relação às “*ideias de Castro*” e à situação cubana:

(...) tais modificações, opostas à natureza e à tradição latino-americana, são, antes, frutos da imposição e não do consentimento. Não é plausível que uma nação das mais adiantadas e cultas do hemisfério, da noite para o dia, em consequência de mutação de governantes, abandone os seus critérios e costumes, os seus apegos e pensamentos, para adotar regras novas e exóticas (...) Ocorre com o ilustre Sr. Fidel Castro o estranho fenômeno de pensar como pensam os comunistas, de agir como agem os comunistas, de investir como investem os comunistas e de, feitas as contas, não ter nada de... comunista! Em termos simples, o comunismo combate a democracia e prega a estatização de tudo em favor da ditadura das classes dirigentes (...) Um governo que se funda na força e no terror, que cancela o voto popular, suprimindo os mandatos eletivos, que proíbe a iniciativa privada, pretendendo tudo dirigir, planificar e monopolizar, é tipicamente um governo comunista, no fundo e na forma.

Segundo o entendimento construído pelo *Diário de Notícias*, Fidel Castro não era comunista - como o periódico já havia afirmado diversas vezes – contudo, o sistema social e político que ele preconizava era o mesmo que o comunismo: “o sr. Fidel Castro talvez fosse comunista sem o saber”. No entanto, nas últimas linhas do editorial o periódico refaz esta reflexão e entra em contradição, afirmando:

se alguém repele os princípios democráticos e aceita e defende os princípios comunistas é, evidentemente, comunista (...) De agora em diante ninguém poderá falar da espécie de democracia que os revolucionários de Cuba experimentam. Terão de chamar as coisas pelos nomes, referir-se a espécie de comunismo que ensaiam. (27/03/60, p. 4)

Ao informar sobre a posição de Fidel Castro contrária à obrigação de que seu governo devia respeitar os acordos relativos à luta contra o comunismo no continente, o *Diário de Notícias* reforçou que “esses acordos foram firmados e reafirmados, em declarações conjuntas, em numerosas oportunidades e contam também do tratado de solidariedade e defesa recíproca”. Apontou este acordo como um “solene compromisso contratual” que não poderia ser prejudicado, por basear a política pan-americana de defesa da democracia e transmitir um sentido expresso à luta contra o comunismo: “assegurar a unidade democrata do

⁸⁹ Editorial: “Desvirtuamento do pan-americanismo”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 31/01/60.

hemisfério”, pois, segundo o jornal, o comunismo quebraria essa unidade, por ser “um regime totalitário incompatível, sob todos os aspectos, com a tradição da democracia americana”.

Desta forma, diante do comportamento de Fidel Castro, é necessário “colocar Cuba à margem do princípio de solidariedade que é o próprio alicerce do pan-americanismo” e que ele “apenas substituiu uma ditadura por outra mais sanguinária e terrível agravada ainda por uma declarada ruptura com o sistema de convivência internacional das Américas”. O medo expresso nas páginas do editorial era que Cuba se constituísse “em ponta de lança dos interesses soviéticos na América, e que tem por principal objetivo quebrar a aliança e a unidade do nosso continente”.⁹⁰

As posturas adotadas por Fidel Castro são pontos de pauta para inúmeros editoriais, neles se chama a atenção para uma “explosão temperamental num homem cujos nervos se acham submetidos, há muitos anos, a pressões violentas”. Assumindo a responsabilidade de representar a voz e a vontade da população brasileira, aponta que as palavras de Fidel são “alarmantes”, desta forma, “é também natural que a opinião pública se alarme”. Novamente o jornal adentra a questão da negação de Castro em cumprir uma cláusula de um tratado assinado no Rio de Janeiro, congregando todas as nações continentais na luta contra o comunismo. O significado dado pelo *Diário de Notícias* é que o governo de Havana se desligou do resto do continente, em um aspecto que “os demais países consideram fundamental para a permanência e segurança do regime democrático, básico em sua vida”.

É interessante notarmos que no conteúdo do boletim internacional, as acusações de que Cuba estaria enviando expedições para intervir em outros países da América Central eram feitas ancoradas em um suposto princípio de neutralidade e imparcialidade. No entanto, a manchete estava sempre ocupando as páginas do jornal, e o leitor era lembrado cotidianamente que existiam acusações desta espécie contra Cuba e que, especialmente os Estados Unidos condenavam tal prática do governo cubano. Por outro lado, o espaço do editorial era utilizado para combater de forma contundente este suposto comportamento intervencionista de Cuba.⁹¹

As relações conflituosas entre Cuba e Estados Unidos deixavam o periódico em alerta, pois temia que este quadro atingisse todo o conjunto dos interesses políticos e econômicos pan-americanos. Quando o governo revolucionário cubano confiscou uma empresa petrolífera norte-americana, o jornal defendeu uma intervenção norte-americana, a fim de evitar que

90 Editorial: “Fidel Castro contra a América”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 02/04/60.

91 Editorial: “O novo sentido da Revolução Cubana”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4.

Cuba faça “um pacto com a União Soviética em virtude do qual a república americana passasse a formar o quadro das 'repúblicas populares’”. Questionava se não seria chegada a hora de uma ação conjunta dos povos continentais junto ao governo de Havana, objetivando “buscar uma solução para as suas tropelias e aventuras no campo revolucionário, tão aproximado já do comunismo”. Para o *Diário* havia um “ponto de infecção antidemocrática” em Cuba. O jornal relembra que a América Latina inteira acolheu a vitória de Fidel Castro contra o regime de Batista, “com enorme contentamento”. Porém,

os fuzilamentos, a supressão total das liberdades públicas, o confisco dos bens particulares e a eliminação da imprensa livre demonstraram que Cuba nada ganhou com a substituição da tirania vencida pela tirania vencedora.

Neste momento, a imagem veiculada sobre Fidel Castro era de que ele:

não é apenas um tirano do tipo clássico no caudilhismo latino-americano, ele está se tornando também um agente do comunismo internacional, acarretando com isso terríveis ameaças sobre a América.⁹²

Para o jornal, os Estados Unidos assumem uma posição defensiva contra Fidel Castro que, depois de ter triunfado, começou a hostilizar os Estados Unidos e a mostrar “quais os verdadeiros propósitos de sua revolução”. O maior agravante, no entendimento do periódico é que as atitudes de Fidel Castro e do seu governo contra os Estados Unidos “refletem-se de maneira danosa sobre os países do hemisfério”.⁹³ Quando busca resumir o que aconteceu em Cuba, a premissa é recorrente: “um ditador foi substituído por outro” e, segundo o jornal, Castro terá que pagar pelo crime maior que praticou: “o rompimento de sete décadas de pan-americanismo”. Além disso, ele “levou sua pátria a uma aliança antinatural, anormal e mesmo da maior imoralidade com a União Soviética”.⁹⁴

As relações diplomáticas entre Cuba e Brasil e a entrada de cubanos no país não sofriam maiores agravos pela necessidade que havia de pregar a união entre os países do continente devido ao pan-americanismo, grandemente defendido pelo governo brasileiro. No entanto, apesar de apoiar esta posição do governo, o *Diário de Notícias* apontava que o governo brasileiro precisava estar atento pois

nos contamos acusados pelos revolucionários cubanos de agentes do capitalismo ianque e por isso mesmo designados para tombar sob os golpes da falange comunista que tomou o poder das mãos de Batista para entregá-lo às de Krutchev.

Segundo o jornal, o correto seria não permitir a entrada de cubanos no Brasil, pois

92 Editorial: “A OEA e as suas responsabilidades”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 06/07/60.

93 Editorial: “O limite da prudência”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 08/07/60.

94 Editorial: “Crime contra o pan-americanismo”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4.

eram “agentes da propaganda comunista”.⁹⁵ Em um editorial posterior, o periódico aponta que Cuba “passa agora a agredir as nações latino-americanas” e que Fidel “pretende lançar as massas cubanas contra todas as nações do hemisfério, julgando-se para tanto protegido pelos foguetes que Krutchev pôs a sua disposição”. Em relação às expropriações de empresas e terras, o *Diário* acusa Fidel de “ir expropriando aos poucos. Se cometesse de uma só vez a violência ficaria sem assunto para as semanas seguintes” e se dirige aos brasileiros que, de alguma forma, simpatizam com o processo revolucionário cubano:

é de lamentar que ainda haja em nosso país quem venha a público para cantar odes à ditadura cubana (...) lamentável e incompreensível que existam brasileiros que defendam a implantação aqui de réplicas do governo ditatorial de Fidel Castro.⁹⁶

Fidel Castro é ainda chamado de “demagogo que não se contenta em ser o homem presidencial de Cuba” pelo periódico. Segundo o *Diário*, o governo de Havana deveria “cuidar de sua democratização e tratar de assegurar a todos os cubanos dias de bem-estar e de tranquilidade. Mas, não procedeu assim o governo de Fidel Castro”. Quando Cuba se retirou da Conferência dos Chanceleres, o jornal entendeu que, a partir disso, a ilha

mostrou o seu jogo, deixou patente a extensão dos compromissos assumidos com o mundo comunista. É uma revelação que os povos americanos não podem deixar de encarar com preocupação (...) Cuba, dominada por homens que se comprometeram ideologicamente, volta as costas ao Continente americano. Seu gesto, porém, não pode ser tolerado pelos demais povos da América porque significa mais que anti-americanismo – significa uma traição que todas as razões repelem, inclusive as de ordem geográfica.⁹⁷

Ao se referir às autoridades políticas de Cuba, o jornal pretende atingir a credibilidade do processo revolucionário e do governo cubano que se instaurou:

Os improvisados homens públicos de Cuba perderam por completo a compostura e aí então, nas assembleias e na praça pública, servindo-se dos instrumentos de divulgação de que se apoderaram ferindo direitos de propriedades, xingando e batendo o pé como fedelhos contrariados em seus caprichos, vontades e teimosia.

Quando o periódico noticia que o chanceler cubano proferiu “insultos” ao chanceler brasileiro, o editorial preconiza que tais palavras “ofendem gravemente e deliberadamente o Brasil e faz com que todos os brasileiros, sem compromissos para com a 'cortina de ferro', ponham de lado as últimas simpatias que a revolução castrista lhes havia inspirado”⁹⁸ O *Diário de Notícias* era um ferrenho defensor das relações entre Brasil e Estados Unidos, sendo

95 Editorial: “Prevenir, melhor do que remediar”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 06/08/60.

96 Editorial: “Pronunciamento da Igreja”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 12/08/60.

97 Editorial: “Cuba e a 'declaração de São José’”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 01/09/60.

98 Editorial: “Os insultos do sr. Roa”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 06/09/60.

assim, as propagandas comunistas e nacionalistas eram fortemente atacadas pelo periódico, que indicava que essa propaganda “disseminou a absurda tese de que os investimentos norte-americanos não nos interessam porque sugam as nossas riquezas e as transferem para além-fronteiras.”⁹⁹

Em relação à volta das execuções, noticiada pelo jornal, um editorial analisou o que chamou de “despotismo fidelista”, denominando a revolução cubana como “transferência de poder”, com a ausência das correções que se esperavam. Citou Fidel, Raúl e Che como portadores de “barbas manchadas de sangue”, e afirmou que as ligações entre Moscou e Havana tornavam impopular o governo de Fidel Castro, pois “a traição aos ideais de Sierra Maestra se torna mais clara aos olhos do povo”.¹⁰⁰ Neste sentido, o espaço do editorial era utilizado como um local para denúncias e alertas que o periódico considerava pertinentes. Ao identificar uma necessidade de Cuba encobrir muitas de suas ações, o *Diário* expressa:

com um cinismo que deixa a perder de vista as lições de Maquiavel, os aventureiros que se estabeleceram em Cuba usam de todos os recursos para desviar a atenção mundial dos crimes que estão cometendo contra a liberdade da pessoa humana e contra a unidade dos povos americanos. A cada atentado que perpetraram corresponde uma tentativa de mistificação. Criminosos que continuamente apuram e ampliam a delinquência, eles, para encobrirem os seus crimes, tratam de passar por vítimas. (23/10/60, p. 4)

Quando o Departamento de Estado norte-americano proibiu qualquer venda de produtos dos Estados Unidos para a ilha, o *Diário de Notícias* expressou seu apoio à medida:

Che Guevara, o inspirador da socialização do país que não é o dele, passará a sentir o peso real de sua inconsciência. Nestes quase dois anos de *Revolución*, Cuba comprou aos Estados Unidos e quase nada pagou; ao contrário, apropriou-se indebilmente de bens de pessoas físicas ou jurídicas dos Estados Unidos.¹⁰¹

O jornal considera que Fidel Castro estava impossibilitado de cumprir as promessas formuladas ao povo e ao ver ampliar-se a área de descontentamento interno, ele não encontra outra saída que não a de apresentar-se como “vítima” de próximos ataques norte-americanos. Contudo, o periódico acredita que “o próprio povo cubano e os democratas de todo o mundo identificaram a manobra” e aposta na mesma população que depositou suas esperanças na revolução para fazer um movimento contra o governo cubano.¹⁰² O último editorial do ano de 1960 relacionado à situação cubana foi publicado no dia 8 de dezembro, intitulado

99 Editorial: “Entreguismo e nacionalismo”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 12/10/60.

100 Editorial: “Cuba: preço de sangue”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 16/10/60.

101 Editorial: “Ação e reação”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 25/10/60.

102 Editorial: “Deterioração da ditadura cubana”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 28/10/60.

“Preservação da liberdade no continente”. Seu conteúdo era voltado a denunciar as “manobras traçadas em Havana por orientação de forças extracontinentais destinadas a provocar revoluções e instigar invasão de outros países”.

3.2 BOLETIM INTERNACIONAL

Em sua maior parte, o Boletim Internacional veiculado pelo *Diário de Notícias* tinha origem no noticiário fornecido pela UPI (United Press International).¹⁰³ A repercussão dos episódios internacionais no *Diário de Notícias* (RS) permite entender problemas da época, não apenas relacionados àquele episódio, mas toda a cultura política que seleciona, organiza e constrói um cenário em que um evento explica as disputas sociais, políticas e ideológicas internacionais e locais. No ano de 1958, a primeira referência aos rebeldes cubanos no boletim internacional consistia na divulgação de uma fuga dos revolucionários da prisão:

Fontes rebeldes informaram que Armando Hart, Javier Felipe Pazos e outros dois lugares-tenentes não identificados do chefe rebelde Fidel Castro se encontram em caminho junto com os seus libertadores para se reunir a Castro, em um lugar não revelado. Os informantes acrescentaram que na breve mas encarniçada luta que precedeu o ousado resgate foram mortos pelo menos oito guardas e condenados à prisão. Puerto Boniato continua ainda isolado de Santiago, com barreiras e soldados e está proibida a passagem de civis.¹⁰⁴

Nos meses seguintes, as manchetes buscavam retratar um clima de instabilidade política na ilha, trazendo também para as páginas do jornal informações oriundas das fontes rebeldes. As notas continham indicações de sabotagens em indústrias, incêndios de refinarias da Esso, de depósitos de café do Banco de Comércio Exterior – o jornal destaca que o produto atingido seria utilizado para consumo local - garagens de ônibus, ataques ao Banco Nacional, bem como declarações de membros do movimento rebelde apontando esforços no sentido de “impedir as eleições previstas para o dia primeiro de junho” pois, segundo a fonte rebelde, “o sistema eleitoral é um gracejo e a ditadura continuará.” Diante dos atos desses grupos, muitas notas do noticiário internacional utilizavam o termo “sabotadores rebeldes” para se dirigir às mais variadas estratégias executadas pelo grupo de Fidel, destacando a morte de civis.¹⁰⁵

¹⁰³ A agência United Press foi fundada em 1907, e a International News Service em 1909. Em 1958, as duas agências se fundiram e formaram a United Press International (UPI). No Brasil, a primeira agência de notícias foi fundada em 1931, por Assis Chateaubriand, a Meridional de Notícias.

¹⁰⁴ “Revolucionários cubanos fugiram da prisão”. **Diário de Notícias**, p. 2, 28/01/58.

¹⁰⁵ “Cuba inteira estará em chamadas dentro de um mês: 'blitz total'”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 04/02/58.

Em março de 1958, Fulgêncio Batista deixa o palácio presidencial e se estabelece no quartel-general do exército, institui forte censura às comunicações e reafirma a “ditadura”, enquanto havia a paralela intensificação das atividades dos rebeldes de Fidel Castro. O *Diário de Notícias* chama esse momento de “A hora da decisão” entre Fulgêncio Batista e seus inimigos, expressando real crença de que esse conflito político em Cuba culminará nos próximos dias com uma “campanha de extermínio com que vem ameaçando, desde algum tempo, os rebeldes. À primeira vista, o governo tem na mão todas as cartas do trunfo, mas a oposição bem poderá ter uma carta ainda mais decisiva.” Essa carta que o periódico aponta é a greve geral.¹⁰⁶ Após o acirramento da censura à imprensa, as manchetes presentes no boletim internacional voltam-se à iminência da saída de Fulgêncio Batista – denominado “ditador” - do governo cubano, sem, no entanto, demonstrar simpatia pela guerrilha, considerando que os ataques rebeldes eram constantes e sistemáticos.¹⁰⁷

A continuidade da perda de garantias constitucionais e da forte censura à imprensa, estimula o jornal a concentrar atenção na figura de Fidel Castro e chegam a dizer que ele “figura como alternativa à opressão de Batista”, pois este utilizou “poderes ditatoriais para enfrentar a Revolução”

Nas montanhas de Oriente, o nome de Castro é sussurrado com admiração, reverência e afeto. É considerado quase como um salvador, pois prometeu aos campônios da serra - “a gente esquecida de Cuba” - que algum dia farão parte do país em que vivem.¹⁰⁸

Estes iniciais indícios de aprovação no posicionamento do jornal diante das ações rebeldes se convertem em manchetes diárias, entrando na “fase final da luta contra Batista”. O periódico retrata múltiplos choques dos rebeldes de Fidel Castro com as forças de Batista, destacando que a causa de Fidel estava fundamentada em um ideal: “a verdadeira força do exército do chefe rebelde cubano Fidel Castro repousa no fato de que eles obviamente estão dispostos a morrer, e não por um salário.” Contudo, ao descrever o exército de Castro, acentua a superioridade em armas das tropas oficiais, destacando que “as tropas de reforço empregadas na ofensiva de Oriente são soldados regulares, instruídos e não recrutas bisonhos” e fala, pela primeira vez, em “atividades pró-comunistas”:

106 “Chegou a hora da decisão na turbulenta situação de Cuba”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 13/03/58.

107 *Diário de Notícias*, Porto Alegre, “Censura à imprensa”, 14/03/58, p. 2.

108 “Semana crítica na Revolução Cubana: Fidel Castro prevê a queda de Batista para o próximo dia 15”. **Diário de Notícias**, p. 2, 01/04/58.

(...) um desorganizado e débil exército guerrilheiro, uma força fanática.(...) somente dez por cento do exército de Castro está equipado com armas modernas. O resto está armado com rifles calibre 22, espingardas de dois canos, rifles belgas de esporte, revólveres e algumas Winchesters. Também têm 24 metralhadoras calibre 30, alguns morteiros e rifles automáticos Browning.¹⁰⁹

Podemos perceber, portanto, uma indefinição por parte do periódico, que ainda tenta compreender o cenário cubano, e isto se deve em grande parte, a própria indefinição que os Estados Unidos davam a este mesmo cenário. Ainda nos primeiros meses de 1958, o *Diário de Notícias* aponta que “em vários países do continente têm havido manifestações de apoio ao líder rebelde Fidel Castro, cuja tenacidade na luta contra a situação cubana tem sido realmente admirável.”¹¹⁰ Contudo, demonstrações como essa são raras na abordagem do periódico, pois a estratégia continua sendo a representação dos rebeldes sendo controlados e reprimidos, através da busca pela ordem. O cenário de instabilidade política em Cuba recebe outro formato quando os Estados Unidos intervêm de forma mais direta, com advertências e presença de tropas.

Os últimos meses do ano de 1958 foram marcados por um forte anti-comunismo nas páginas do *Diário*. A presença da Guerra Fria e da polarização que ela gerava explicam o posicionamento do periódico enquanto contrário ao mundo socialista representado pela União Soviética. Os noticiários internacionais e nacionais continham forte oposição ao comunismo e apologia aos preceitos norte-americanos. Neste sentido, as notícias voltadas à União Soviética sempre carregavam aspectos negativos e indicavam inúmeras tentativas de infiltração do comunismo no ocidente orquestradas pela URSS.¹¹¹ As “advertências” feitas pelo jornal tinham como grande referência o embaixador e proprietário dos Diários Associados, Assis Chateaubriand que, com frequência, tinha seus posicionamentos publicados no *Diário de Notícias*, em grande parte chamando a atenção ao fato de que “falta sentido de comunhão na política exterior sul-americana”.¹¹²

Neste clima de instabilidade, as ações guerrilheiras a fim de enfraquecer o governo e as empresas estrangeiras têm sua base nas atividades dos rebeldes intensificadas por Fidel Castro. No entanto, eram comuns as notas destacando graves baixas dos rebeldes cubanos: “O comunicado eleva o total de cerca de 300 as baixas causadas às forças de Fidel Castro” (14/11/58, p. 2). Enquanto outra nota já apontava que houve “mil rebeldes cubanos eliminados

109 “Fase final da luta contra Batista”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 09/04/58.

110 “Insustentável a situação do presidente Batista”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 15/04/58.

111 “Comunismo: inimigo da humanidade”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 27/09/58.

112 “Isolacionismo: caminho para o comunismo na América Latina”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 24/10/58.

em 16 dias” (26/11/58) e que foi “esmagada uma conspiração de suboficiais cubanos” (30/11/58, p. 2). Segundo o *Diário*, “os acontecimentos recentes da ilha poderiam convergir em direção de um novo período crítico para o governo do presidente Fulgêncio Batista”, gerando uma “ofensiva total contra rebeldes de Fidel Castro” (02/12/58, p. 2).

Em todos os artigos analisados que tratam direta ou indiretamente sobre Cuba, o nacionalismo e o anti-imperialismo são os assuntos mais recorrentes. Nas reportagens do *Diário de Notícias*, no ano em que ocorreu a eclosão da Revolução Cubana, ficou claro o apoio dado aos “barbudos liderados por Fidel Castro”. Tendo derrubado uma ditadura despótica e sanguinária, eles representavam a esperança de democratização da ilha caribenha. No entanto, a medida em que a Revolução Cubana foi definindo um perfil cada vez mais distante dos padrões democráticos dos Estados Unidos, o *Diário de Notícias* foi abandonando o entusiasmo inicial, passando de um apoio discreto a uma oposição contundente. De 1960 em diante a pequena ilha passou a ser vista como uma ameaça ao capitalismo e à dominação norte-americana. Através da cobertura jornalística feita pelo *Diário de Notícias* (RS) sobre a Revolução Cubana pudemos perceber que na passagem de 1959 a 1960 o periódico temia a instauração do socialismo na América Latina e era contrário à via revolucionária cubana, contudo, nutria uma certa admiração pela Revolução.

Com a instauração do governo revolucionário, as notícias sobre Cuba se tornariam cada vez mais frequentes e Fidel Castro seria o personagem principal destas colunas e artigos. Suas ameaças de intervenção na Justiça diante das absolvições de acusados de crimes de guerra durante a ditadura de Batista eram recorrentes e chamavam a atenção do periódico. Os anúncios de convites para que Castro visitasse os Estados Unidos também eram amplamente divulgados no Boletim Internacional. No entanto, o que mais gerava notas neste espaço do periódico eram as execuções realizadas pela “justiça revolucionária”. Diariamente o jornal atualizava o número de fuzilados, opositores ao regime de Fidel Castro, destacando a possibilidade de ocorrerem mais execuções.

A presença de emissoras clandestinas, contrárias à revolução, era divulgada como forma de demonstrar que a instabilidade política em Cuba se mantinha. Estas incertezas que permeavam o território cubano também se faziam sentir em suas relações com outros países, principalmente aqueles que tiveram “confirmada a venda de armas para Batista no período da ditadura”, como a Noruega.¹¹³ A existência de uma oposição ao regime de Fidel Castro era

113 “Crise governamental com a Noruega pela venda de armamento à Cuba”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 06/03/592.

marcada no jornal principalmente pelas notícias de execuções, que eram praticamente diárias e os números atualizados dia a dia. Os discursos de esclarecimento à população do líder rebelde também eram noticiados, destacando que suas declarações eram “em meio de grandes aplausos dos que o ouviam” (13/03/59, p. 2).

O primeiro alerta mais incisivo feito pelo jornal em relação ao processo revolucionário – do qual não se conheciam ainda as orientações ideológicas - tem origem em uma problematização feita a respeito do pan-americanismo, uma ideia de unir o continente pelo fim da miséria, de modo a deter o comunismo e expandir a democracia. Segundo o *Diário de Notícias*, Fidel “voltou a atacar os seus vizinhos”, dificultando os planos do pan-americanismo.

Cruzadas militares com invasão e guerra. Esse estado de espírito de Fidel Castro ainda não mudou. A menos que o sr. Fidel Castro desejasse desafiar a América inteira, o que parece improvável. Já temos condenado aqui esse espírito intervencionista que é radicalmente contrário ao espírito de colaboração pan-americana. A imprensa do continente tem lembrado ao primeiro ministro de Cuba que a fase revolucionária no seu país já passou e que ele hoje fala com a responsabilidade de chefe de um governo. Por acaso não lhe basta, como fonte de complicações, esse deprimente espetáculo dos fuzilamentos incessantes que já roubaram a vida a centenas e centenas de inimigos políticos dos revolucionários? Acha pouco o sr. Fidel Castro o ato inaudito por ele praticado ao mandar suspender a sentença de um tribunal para que os supostos criminosos voltassem a ser julgados e a sofrer uma penalidade exclusiva? Tudo isso justifica a crescente suspeita de que o regime que se instalou em Cuba, em substituição ao de Batista, poderá ser pior e mais sanguinário e que a substância ditatorial de Fidel Castro seja mais densa e mais perigosa do que a do seu antecessor. Cuba é um pequeno país, querido por toda a América pelas grandes qualidades do seu povo. Deve se esforçar em resolver os seus próprios problemas e deixar que os vizinhos ajam da mesma maneira. Cabe aos dominicanos, aos nicaraguenses, aos paraguaios decidir a respeito dos seus próprios destinos. Qualquer tratado externo para eliminar governos estrangeiros, sob o pretexto de que são ditatoriais, criaria o caos no hemisfério, destruindo os laços de colaboração e entendimento que constituem a base do pan-americanismo.¹¹⁴

As páginas dos dias seguintes traziam as frequentes notícias de contínuas execuções realizadas pela justiça revolucionária.¹¹⁵ Contudo, noticiava também o descontentamento de Cuba com a “inércia” da OEA (Organização dos Estados Americanos) em relação aos crimes do período da ditadura de Batista. Neste sentido, podemos avaliar que os crimes do governo de Batista não tinham tamanha divulgação diária como ocorria com os fuzilamentos da revolução. O *Diário de Notícias* demonstra claramente a opção de destacar, dia após dia, o número de execuções. Outra aposta do periódico era registrar as viagens de revolucionários cubanos, “estranhos guerrilheiros, cujas barbas e cabelos há dois anos não merecem encontro

114 “Pan-americanismo em perigo”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 15/03/59.

115 “476 execuções capitais até agora em Cuba”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 20/03/59.

com barbeiros”, que visitavam países da América do Sul, a fim de realizar uma “excursão de esclarecimento acerca dos objetivos da revolução de Fidel Castro”.¹¹⁶ O Brasil recebeu uma dessas “visitas de cortesia”, em abril de 1959.¹¹⁷

A luta contra o anti-imperialismo posicionava Cuba cada vez mais afastada da área de influência norte-americana. Contudo, a aproximação com a União Soviética ainda não havia se concretizado. Para o *Diário de Notícias*, as críticas de Fidel Castro aos Estados Unidos e ao ex-presidente da Costa Rica, José Figueres - que lançou um apelo à solidariedade latino-americana, com os Estados Unidos, na luta mundial contra a União Soviética - significavam o afastamento da ilha em relação ao continente: “O chefe de governo acusou as agências noticiosas norte-americanas de patrocinarem uma campanha favorável ao regime do deposto ditador Fulgêncio Batista, visando a queda do governo revolucionário atual.”¹¹⁸

Quando o número de execuções pelos pelotões de Castro chegaram a 500, segundo o jornal, chamou-se a atenção de que “há algum tempo, o chefe revolucionário e atual primeiro-ministro, dr. Fidel Castro, predisse que não mais de 400 criminosos de guerra seriam executados”. E complementa: “A opinião que se tem é de que o governo está ansioso no sentido de encerrar definitivamente esses processos devido à repercussão desfavorável que têm os mesmos na opinião mundial.”¹¹⁹ Nos meses seguintes, o jornal segue noticiando execuções.

Percebemos, desta forma, que a abordagem do jornal vai se modificando, até a afirmação contundente por parte do *Diário* de que Cuba havia se tornado base de operações comunistas na América Central, resultando em uma reunião de diplomatas norte-americanos incumbidos de “examinar essa situação”. A partir de então, começaram a figurar questões como “as repercussões que a vitória de Fidel Castro em Cuba poderá ter em toda essa região”. O papel dos diplomatas seria programar estratégias voltadas à manutenção de Cuba sob controle e supervisão, considerando a proximidade do território cubano. Nestas medidas “se analisarão nitidamente os indícios de uma crescente atividade comunista em Cuba” pois, alerta a nota, “estão viajando para Cuba muitos comunistas”.

O jornal aponta ainda que “um dos aspectos mais intranquilizadores da situação de Cuba sob Fidel Castro é que o país poderia ser usado como base de movimentos

116 “Rebeldes de boa vontade”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 21/03/59.

117 “E os barbudos chegaram”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 18, 02/04/59.

118 “Fidel Castro preconiza a mobilização total contra presumível invasão”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 24/03/59.

119 “Meio milhar de execuções em Cuba”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 04/04/59.

revolucionários contra os países vizinhos” e que os Estados Unidos temem “a influência dos comunistas”, sem, no entanto, relacioná-los a Castro, como se este fosse uma figura facilmente manipulável diante destas forças, necessitando de “ajuda” para defender-se, considerando que “é natural que os comunistas tentem introduzir-se em posições de influência”, o que seria o caso do lugar ocupado por Fidel (09/04/59, p. 2).

A visita de onze dias de Fidel Castro “com a barba sempre por fazer e o uniforme de campanha” aos Estados Unidos em abril de 1959, também é noticiada (15/04/59, p. 2). O jornal indica uma “calorosa recepção a Fidel Castro ao chegar aos Estados Unidos” (17/04/59, p. 2) e declara que “Fidel Castro conquista aos poucos a opinião pública dos Estados Unidos” (18/04/59, p. 2.), noticiando até mesmo a “voltinha noturna em Washington” feita por Castro. Dias depois descobre-se uma conspiração nos Estados Unidos para assassiná-lo, entre tantas outras as quais o líder rebelde sobreviveu.

Durante a Conferência Interamericana, realizada na Argentina, o jornal destacou o comportamento de Fidel Castro: “Embora o discurso de Castro pareça estar definitivamente decidido, todos os demais planos do chefe do governo cubano aparecem envoltos na mesma incerteza que tem caracterizado toda sua viagem à Argentina”. O discurso de Castro “foi interrompido várias vezes com aplausos e aclamações pelos delegados que assistem à transcendental conferência interamericana”.¹²⁰ Podemos entender que um terreno de problematizações a respeito da posição adotada por Cuba nos mais diversos âmbitos estava sendo produzido, partindo de notícias de que “Cuba dará liberdade a todas as ideologias, inclusive a comunista” (05/05/59, p. 2)), até chegar a nota de um “avançado sistema socialista em Cuba” (07/05/59, p. 1). Ainda assim, em vários artigos o periódico reforçava que a revolução não era comunista, utilizando-se para isso, de declarações de Fidel Castro.

Enquanto o líder revolucionário “prepara-se para a implantação da reforma agrária em Cuba” (14/05/59, p. 2), o jornal noticia que há uma “revolução latente na América Latina” pois há “esforços comunistas presentes para adquirir posições de preponderância na nova situação cubana”. A nota ainda comparou a Revolução Cubana aos processos revolucionários da Rússia e da China (21/05/59, p. 2) e, divulgando dados apresentados pela Igreja, aponta que existiam “50 mil cubanos na mais completa miséria por causa da revolução” (26/05/59, p. 2), referindo-se a uma “guerra civil” que assolava o país.

Segundo o periódico, a reforma agrária era uma das temáticas mais incertas e

120 “Fidel Castro ovacionado na Conferência Interamericana”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 03/05/59.

indefinidas das mudanças estruturais em Cuba, pois os adiamentos de medidas de expropriação de terras eram frequentemente noticiadas nas páginas do jornal, defendendo que “a intenção do primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro, de adiar a expropriação e divisão das terras com plantações de cana-de-açúcar é uma reação realista e oportuna ante a situação açucareira atual”. A demonstração de preocupação com possíveis dificuldades que Cuba poderia enfrentar esconde um interesse em defender determinados posicionamentos no campo econômico, pois havia temor de que, se Cuba agisse com demasiada rapidez e chegasse demasiado longe em um programa de distribuição de terras, muitos interesses políticos e econômicos internacionais seriam afetados, entre eles o mercado dos Estados Unidos e de suas empresas privadas. O jornal aponta que o clima era de “pessimismo” entre os círculos cubanos e norte-americanos e, dias depois anuncia: “Reforma agrária cubana vai entrar em execução” (08/06/59, p. 2).

A representação sobre Fidel Castro adotada pelo *Diário de Notícias* sofreu muitas transformações, mas a partir do direcionamento de Cuba para a reforma agrária e para a estatização das empresas estrangeiras, o jornal assume uma linha mais contínua, afirmando que Castro “desafia aos que se opõem aos planos de seu regime” (11/06/59, p. 2) e que, há sim, “terrorismo em Cuba” quando divulga um “possível retorno aos tribunais revolucionários de Fidel Castro”. Este posicionamento é justificado pelo jornal através da ação da imprensa que foi “unânime na crítica editorial contra o surto terrorista” praticado por “criminosos” e “covardes” (20/06/59, p. 2). Após as medidas tomadas nos meses iniciais de 1959, o governo de Fidel Castro enfrentou muitos opositores. No *Diário de Notícias*, passaram a surgir quase que diariamente notas que informavam da existência destes conflitos - com a abertura de novas frentes de comando na luta contra Fidel - e da posterior extensão do campo de aplicação da pena máxima em Cuba como forma de controle e repressão.

Diante das relações pan-americanas que Cuba estabelecia, o jornal expressou claramente sua posição, questionando o comportamento de Castro diante dos conflitos:

condenamos veementemente os regimes anti-democráticos e desejamos que todos os povos do hemisfério pratiquem instituições livres e respeitáveis (...) Os ataques de revolucionários cubanos ao Panamá, a Nicarágua e a São Domingos foram anunciados com antecedência e não vemos como o Primeiro Ministro Fidel Castro possa escusar-se de responsabilidade na organização de grupos que partiram de Cuba para invadir territórios vizinhos. Cumpria ao governo cubano impedir semelhante aventura (...) pois tudo indica a urgência de que esses elementos de dissensão na vida da América sejam examinados no espírito de fraternidade e de boa vizinhança que caracteriza as nações pan-americanas (10/07/59, p. 2).

Seguindo a lógica da grande imprensa nacional e internacional, que diariamente

evoluiu no sentido de abandonar a simpatia inicial que adquiriu pela Revolução Cubana, o *Diário de Notícias*, em situações específicas, apontava Fidel Castro como “membro ativo do comunismo internacional” esclarecendo que acreditava que “a infiltração comunista no movimento operário cubano fora iniciada durante o primeiro regime de Batista (16/07/59, p. 2). Em meados de julho de 1959, o periódico se surpreende com o anúncio da renúncia de Fidel Castro ao cargo de primeiro-ministro, e aponta os obstáculos colocados pelo presidente Manuel Urrutia às leis e medidas revolucionárias, motivando possivelmente uma massiva exigência popular para que Castro se reincorporasse ao cargo, forçando a renúncia do presidente:

Washington interpreta a renúncia de Fidel Castro como passo político para definir posições dos chefes (...) entre a postura de nacionalismo extremo do chefe da revolução e a posição mais moderada do presidente Manuel Urrutia.

Desta forma, Castro teria o “indisputado poder de Cuba”. Já Urrutia “expressara com frequência sua preocupação pela suposta influência comunista em Cuba, que o primeiro-ministro não reconheceu” (18/07/59, p. 2). No entanto, o periódico também considera a possibilidade de Castro ocupar a Pasta de Relações Exteriores, com maior direcionamento nas conferências internacionais. Diante deste impasse, Urrutia faz acusações aos comunistas cubanos. Segundo o jornal, “o sr. Fidel Castro está sendo acusado de ser comunista, ou pelo menos de complacência com os comunistas que se acham profundamente infiltrados em seu governo (19/07/59, p. 2). Poucos dias depois o periódico informa que Osvaldo Dórticos Torrado é nomeado por Castro como sucessor do deposto presidente Manuel Urrutia Lleo e a reforma agrária volta à pauta do jornal como a “principal tarefa do governo cubano” (21/07/59, p. 2). No entanto, também aposta na volta de Castro ao posto de primeiro-ministro, assumindo “a chefia do governo depois de 26 [de julho]” (22/07/5, p. 2).

Ao final de julho, houve uma paralisação do trabalho dos operários cubanos, que se organizaram para insistir no sentido de que Fidel Castro voltasse ao governo e para demonstrar o apoio dos cubanos a ele e à sua revolução, foi compreendida pelo jornal como uma “greve geral em Cuba no melhor estilo fascista”. Este artigo, especificamente, aponta que

Cuba trocou simplesmente uma ditadura por outra (...) Cuba não é somente uma ditadura, mas é uma ditadura militar. Castro, que prometera terminar para sempre com o militarismo em Cuba tem hoje um exército maior que quando tomou o poder. O exército revolucionário é a suprema autoridade em Cuba, e na maioria das vezes é a única autoridade.¹²¹

121 “Cuba marcha para o caminho do caos”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 29/07/59.

Ao entrevistar soldados de Fidel Castro que vieram ao Brasil em agosto de 1959, o periódico chamou a atenção para a afirmação destes de que “Cuba não é comunista”. Segundo seus depoimentos, a “Revolução agrária é que faz inimigos do regime, pois a intervenção nos latifúndios provoca enorme campanha adversa”. Outro elemento sempre destacado pelo jornal quando da visita dos cubanos ao país é a aparência física destes: “Barbas até que se obtenha a liberdade econômica” (25/08/59, p. 1). Em relação à liberdade de imprensa em Cuba, o *Diário de Notícias* defende que “será necessário fazer algo imediatamente no assunto da imprensa de Cuba ou não haverá imprensa digna desse nome”.¹²²

A partir de outubro de 1959, o periódico passa a noticiar as denúncias “violentas” de Castro aos Estados Unidos depois de inúmeros “bombardeios” em cidades cubanas por aviões portadores de boletins, “nesses boletins são exortados os povos de Cuba a se unirem aos Estados Unidos, reclamando uma reforma agrária justa, eleições livres e democráticas, e a ilegalização do Partido Comunista” (25/10/59, p. 2) Esse panorama acirrava ainda mais o clima de tensão entre os dois países. Essa tensão era fortemente retratada nas páginas do jornal. Outro aspecto representativo do período era as inúmeras notícias acerca da intensificação da corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética, resultando em notas diárias sobre essa disputa particular entre as duas potências. Enquanto isso, Cuba poderia “desencadear corrida armamentista na região das Caraíbas”, considerando que Grã-Bretanha e Estados Unidos se negavam a vender aviões de combate, levando Cuba a buscá-los em outros mercados.

Ao final de outubro, o periódico divulga “gigantesca manifestação de Cuba contra os Estados Unidos” (27/10/59, p. 2) e, no dia seguinte, uma “enérgica representação dos Estados Unidos contra Fidel Castro”. Diante disso, o *Diário de Notícias* expressou

preocupação pelo que parece ser um esforço deliberado e concentrado para substituir a amizade tradicional entre o povo cubano e o norte-americano com desconfiança e a hostilidade que são alheias ao expresso desejo dos dois governos de manter boas relações. Os Estados Unidos haviam contribuído a obter a independência para Cuba, lhe haviam feito concessões comerciais e tem mantido relações muito estreitas com Cuba.

E prossegue questionando: “Tudo isto torna mais difícil determinar por que os cubanos estariam agora tão descontentes” (28/10/59, p. 2). Portanto, o jornal traça este caminho até chegar “em ponto de rompimento as relações entre Cuba e Estados Unidos” (29/10/59, p. 2). Neste sentido, para justificar as ações norte-americanas como um comportamento defensivo diante dos ataques cubanos, o periódico divulga que “Washington aguarda a próxima atitude
122 “Temem os jornais cubanos criticar o premier Castro”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 26/08/59.

do regime cubano” (30/10/59, p. 2) e que “os Estados Unidos adotam medidas de estrita neutralidade na tensão das Caraíbas” (01/11/59, p. 2), tentando demonstrar que o governo norte-americano não tinha relações com a base de operações que estava agindo contra o governo de Cuba. Sobre o desaparecimento de Camilo Cienfuegos, em novembro de 1959 o *Diário de Notícias* divulga o seu desaparecimento, que ocorre em 28 de outubro. O jornal apontou que “intriga cada vez mais o misterioso desaparecimento do avião de Cienfuegos” e alguns dias depois anunciou o fracasso da busca para encontrá-lo.

Na passagem de 1959 para 1960 podemos sentir um recrudescimento do jornal em relação à Cuba e uma intensificação da defesa do anti-comunismo. A instabilidade política em muitos países da América Latina, que fogem ao controle norte-americano é compreendida pelo *Diário de Notícias* como uma intervenção direta ou indireta do comunismo internacional, considerando “um perigo para a paz e a segurança de todas as nações americanas”¹²³. Eram noticiados constantes reexames das relações com Havana, por parte dos Estados Unidos (24/01/60, p. 2) e que encontrava-se “Ike¹²⁴ perplexo e preocupado com o estado das relações entre os Estados Unidos e Cuba” (27/01/60, p. 2). Outro elemento que tornou-se recorrente no jornal era o caso de indivíduos que fugiram de Cuba em direção à Miami, normalmente por terem divergências com o governo de Fidel Castro.

As “tensas relações entre Cuba e Estados Unidos” (31/01/59, p. 2) seguiam sendo diariamente noticiadas, assim como os bombardeios que Cuba vinha sofrendo sem, no entanto, identificar quem seria o agressor. Segundo o jornal, era grande a suspeita de que estavam sendo “preparados pela URSS e China líderes comunistas da América” (05/02/60, p. 2). Quando Anastas Mikoyan, vice-primeiro-ministro soviético indicou um possível reatamento das relações diplomáticas entre Cuba e União Soviética, o periódico inclinou-se a entender isto como uma exaltação de Mikoyan em relação a Fidel, “visando ampliar cabeça de ponte em Cuba”. Diante deste quadro, além da Argentina, também “o Brasil ofereceu-se como mediador entre Estados Unidos e Cuba” (07/02/60, p. 2). Outro elemento que tornou-se recorrente nas páginas do boletim internacional foi a divulgação da presença também de forças anti-comunistas em Cuba, divergindo com as posturas adotadas pelo governo de Fidel e as primeiras concessões de empréstimos da Rússia à Cuba. (14/02/60, p. 2).

O jornal seguiu fazendo um apelo de que “é necessário que os governos e a opinião pública deste hemisfério estejam atentos para a crescente inclinação da ditadura de Fidel

123 “Infiltração comunista na América Latina: medidas”. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 2, 06/01/60.

124 Apelido do presidente Dwight Eisenhower, presidente dos Estados Unidos entre 1953 e 1961.

Castro para gravitar na órbita da União Soviética”. Considerava, portanto, que a venda do açúcar cubano à União Soviética era “uma tentativa de atrair a Rússia para a esfera política da América” e fez cobranças a Cuba pelo fato de ter assinado - na OEA (Organização dos Estados Americanos – documentos em que “se comprometeu a combater o comunismo internacional”. A respeito da questão de Fidel Castro ser ou não comunista, o posicionamento do jornal questionava:

Acreditamos que não seja. Poderá, porém, dizer o mesmo de alguns dos auxiliares diretos e da confiança do ditador, como por exemplo o famoso aventureiro argentino “Che” Guevara que exerce no momento funções de suma importância no quadro da vida financeira e econômica da república? Pouco importa que Fidel Castro não seja comunista quando está empregando métodos de governo que o aproximam linearmente do comunismo. Amanhã, a Rússia bem poderá fazer uma declaração colocando Cuba na esfera dos países que se encontram sob a sua proteção. *Estariamos, então, com uma área da guerra fria dentro no nosso hemisfério.*¹²⁴

O jornal apontava a aproximação entre Cuba e União Soviética como um dado consumado, alertando que “Cuba reatará com URSS a todo momento: acordo já homologado” e que era preocupante um “novo avanço de Havana na rota que conduz a Moscou” significando que “o primeiro-ministro Fidel Castro avança progressivamente para uma política mais favorável ao Kremlin” (20/02/60, p. 2). Nos casos de ataques aos canaviais cubanos, o jornal apontou a existência de uma “intervenção clandestina em Cuba”, bem como uma “infiltração vermelha na América Latina”, como uma advertência aos Estados Unidos. Solicitava, ainda, que se estabelecesse a origem dos aviões que provocaram os incêndios contra a produção cubana. Entretanto, afirmava não acreditar que tais atos partissem dos Estados Unidos. (25/02/60, p. 2).

O mês de abril de 1960 iniciou com uma “represália dos Estados Unidos contra Cuba”, eliminando a ilha da lista dos países favorecidos pela chamada “ajuda ao Exterior”. O jornal passou a defender que “a ameaça dos comunistas na América Latina é mais grave hoje que em qualquer outro momento” e manifestou que “os Estados Unidos continuou um programa de ajuda técnica a Cuba” mesmo depois da revolução. Era necessária, diante de tais circunstâncias, a criação de uma “comissão para apurar o que se está passando em Cuba” a fim de compreender e pensar estratégias para esta “explosão de sentimentos nacionalistas exacerbados”, representados principalmente pela defesa da “industrialização” e da “reforma agrária” (15/04/60, p. 4). Passado pouco mais de um mês, o discurso não se alterara no sentido de que era

¹²⁴ “Evolução da ditadura em Cuba”. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 2, 19/02/60.

difícil acreditar que, continuando desta maneira, o primeiro-ministro, Fidel Castro possa reter as condições ideais para manter-se no poder, tampouco a economia de Cuba poderá resistir com um sorriso às consequências de tais fantasias [de Castro], tampouco, por muito mais que se repita poderá ser infiltrada no cenário centro-americano uma cabeça-de-ponte soviética (05/07/60, p. 2).

Algumas notas que se tornaram recorrentes em agosto de 1960 se referiam ao reatamento das relações entre Cuba e União Soviética, que haviam sido rompidas em 1952, com o golpe de Batista; além de constantes colunas abordando as ajudas econômicas fornecidas pelos Estados Unidos à América Latina. Ou seja, era um novo quadro político do continente que se desenhava dentro das páginas do *Diário de Notícias* e, em alguma medida, produzia representações deste mesmo quadro político ao público-leitor. Quando o jornal noticia que “Cuba deverá cessar a subversão ou será banida do convívio da América”, ele produz no leitor a concepção de que a “subversão” e “ser banido do convívio da América” não é o melhor caminho.

A ajuda militar da Rússia à Cuba é outro elemento que causou grande alvoroço nas páginas do boletim internacional do *Diário de Notícias*. Diariamente apareciam novas informações sobre a situação da “intervenção soviética” no continente americano e as posteriores condenações que Cuba sofreu por não ter rejeitado tal ajuda. Esse quadro se intensificou quando “Fidel Castro repudia as Américas e estabelece relações com Pequim” (03/09/60, p. 2) e quando “intensifica a crise com a declaração de Havana” (04/09/60, p. 2). Em outras notas envolvendo o noticiário diário sobre Cuba, constantemente cobrava-se que “Cuba deve definir-se se é ou não um aliado da Rússia.” Se considerarmos que em muitos editoriais, essa questão já havia sido definida pela postura do jornal e pelas posições que defendia, cabe problematizar qual era a intenção do periódico ao “cobrar” uma definição a respeito do posicionamento de Cuba. Podemos considerar a hipótese de que o *Diário* tinha a intenção de produzir essa incerteza na representação que os leitores iriam construir sobre Cuba: se esses leitores iriam aliar a ilha caribenha à Rússia em suas consciências coletivas e representações ou não.

A partir do mês de outubro de 1960 tornaram-se cada vez mais frequentes as notas sobre supostas invasões ao território cubano. Na grande maioria desses noticiários, o jornal tratava as denúncias cubanas como “nova farsa cubana”, presumindo que as invasões seriam organizadas pelo governo cubano para comprometer os Estados Unidos. O jornal também seguia noticiando que “Fidel Castro reiniciou os fuzilamentos” e que “Cuba aboliu as propriedades imóveis destinadas à aluguel”, além da intensificação da reforma-agrária. Outro

aspecto que chamava a atenção do periódico era a questão da liberdade de imprensa, como elemento “inseparável dos governos democráticos”. Portanto, nos artigos pautados nesta temática, Cuba e Fidel Castro eram sempre apontados como “inimigos principais das liberdades, que são a razão de ser da América” (22/10/60, p. 2).

Em novembro, o jornal noticiou as denúncias norte-americanas à OEA de que “Cuba e comunistas armam-se para estender a revolução”; informava que a “URSS leva a aftosa para Cuba” (19/11/60, p. 2) e que a eleição de John F. Kennedy poderia moderar os ataques cubanos aos Estados Unidos (22/11/60, p. 2). O jornal presumiu também que o “pacto de Cuba com Pequim” estreitaria os laços de Castro com os comunistas, sendo “uma indicação a mais dos propósitos de Fidel Castro de ligar Cuba com o bloco comunista” (03/12/60, p. 2). Ao final do ano de 1960, no dia 30 de dezembro, é divulgada no periódico a existência de “bases de foguetes russos em Cuba” (30/12/60, p. 2). Certamente, o conteúdo do noticiário dos anos seguintes, referente à ilha, sua revolução, a figura de Fidel Castro, bem como as relações com os Estados Unidos e com a União Soviética, traria ainda mais pontos de tensionamento entre todos estes aspectos citados e outros que surgiram posteriormente, como a Crise dos Mísseis e a declaração de Fidel Castro de que a revolução era socialista. São encaminhamentos que podem originar outras pesquisas, na busca de uma compreensão cada vez maior sobre a representação produzida pela imprensa acerca a Revolução Cubana no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar como o jornal *Diário de Notícias* abordou os acontecimentos políticos cubanos desencadeados através do processo revolucionário da ilha entre 1958 e 1960. A abordagem das fontes foi realizada de forma a questionar e problematizar uma suposta imparcialidade por parte do periódico. Ademais, procuramos perceber como as páginas do jornal retrataram as disputas políticas do período e os atores sociais envolvidos. Ressaltamos que as análises resultantes foram produto de reflexões teóricas estabelecidas no presente, com toda a complexidade que este dado implica. É importante destacar que esta categoria de trabalho historiográfico que pretende abordar a imprensa enquanto fonte histórica demanda grande rigor crítico. Levamos para a pesquisa uma série de indagações e concepções teóricas submetidas ao presente.

A pesquisa nos permitiu, além de esclarecer a posição de um determinado grupo que exprimia suas opiniões através da imprensa, constatar o quanto o *Diário de Notícias* (RS) se inseriu como elemento participante nos processos políticos do período analisado. Os interesses do Brasil e sua postura perante o exterior eram arduamente defendidas pelo periódico, com um projeto voltado principalmente na questão da cooperação com o capital estrangeiro, pressuposto que era defendido por Assis Chateaubriand. Pudemos averiguar também o quanto o jornal acreditava na democracia e confiava em seu crescimento, apesar de manter alguns pontos frágeis que seriam aperfeiçoados através da experiência.

Um outro aspecto desse trabalho foi a apuração de que a imprensa não pode ser estudada considerando um caráter de “evolução”, como se partisse do jornalismo opinativo em direção ao jornalismo fundamentalmente informativo. Este trabalho mostrou que o periódico consultado permanece atuando no processo político mesmo quando assume a postura do jornalismo informativo. Pode não ter sido abertamente diecionado, como nos editoriais, quando estes assumiam posições claramente políticas, pregando contra o comunismo e o sentido que a Revolução Cubana tomava. Contudo, o periódico sempre participou politicamente através das notícias, das manchetes, dos colunistas políticos e, inclusive, de alguns artigos de Chateaubriand. Utilizando-se de algumas categorias apontadas no início deste trabalho, sobre a história da imprensa, pudemos constatar nas páginas do *Diário de Notícias* a estruturação de um jornalismo profissional, a qualificação dos jornalistas, o progressivo aperfeiçoamento dos recursos técnicos e o aumento da publicidade.

O jornal analisado fazia parte da grande imprensa brasileira que, a partir da década de 50, estabelecia empresas jornalísticas, apresentando periódicos que informavam, emitiam opiniões e ainda deveriam gerar lucros. Ao analisar o conteúdo do jornal, afirmamos que o *Diário de Notícias* fez parte de um grupo da imprensa brasileira que criticou de forma negativa os rumos traçados pela Revolução Cubana. Esta opção política se expressou de forma mais nítida nos editoriais, mas também no noticiário internacional, marcado neste período pelo estabelecimento de diversos conflitos políticos e ideológicos oriundos da Guerra Fria. O periódico analisado procurou elaborar relações entre as propostas cubanas e a necessidade de uma luta ideológica contra o comunismo, fortemente presente na sociedade ocidental daquele período.

As análises das temáticas cubanas feitas pelo *Diário* eram referentes aos acontecimentos da ilha e as matérias eram apresentadas conforme a intensidade dos conflitos - especialmente com os Estados Unidos - tornava-se latente. Os noticiários dos exemplares analisados pretendiam ser informativos. Considerando que a maior parte das notas eram produzidas pelas agências internacionais, percebemos um estilo uniforme na abordagem do tema dos processos políticos em Cuba. No entanto, apesar da busca por notícias objetivas ser defendida e divulgada pelo periódico, isto não significou que a imparcialidade foi alcançada.

Ao utilizar o jornal como fonte histórica combinada a reflexões teóricas, pudemos acompanhar alguns eventos de um determinado processo histórico através das páginas do *Diário* e obter alguns indicativos de como a representação histórica a respeito da Revolução Cubana foi sendo construída até os dias de hoje. No presente trabalho, ao contrapor a leitura e análise dos exemplares do periódico com a pesquisa sobre o processo histórico da Revolução Cubana entre 1958 e 1960, constatamos que as temáticas a respeito do contexto revolucionário foram apresentadas inicialmente com simpatia e esperança pelas propostas do grupo de Fidel Castro. No entanto, a partir do desenvolvimento de uma postura revolucionária voltada ao combate ao imperialismo, estímulo ao anti-americanismo e aproximação com a União Soviética por parte de Cuba, o *Diário de Notícias* passou a um posicionamento contrário aos direcionamentos da revolução.

LOCAIS DE PESQUISA E FONTES

Jornal *Diário de Notícias* (RS): janeiro/1958 – dezembro/1960. Acervo do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font – Erechim/RS, exceto:

*janeiro e fevereiro de 1959 (ausência de exemplares).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989. p. 48.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**. n. 15. São Paulo: PUC-SP, 2008.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal *O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CASTRO, Fidel. **Socialismo y comunismo: un proceso único**. México: Editorial Diogenes, 2. ed., 1974.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo**. Porto Alegre, n. 13, PPGH/UFRGS, 1995.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do *Correio do Povo* (1936-1939)**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História / UFRGS, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRANDI, Celito de. **Diário de Notícias: o romance de um jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÊNIN. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1988.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 6ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PRADO, Carlos B. Cuba, Che Guevara e a “exportação” da Revolução pela América Latina. In: PADRÓS, Enrique Serra & CALIL, Gilberto. (orgs.). **Revista História e Luta de Classes**. Ano 3, Edição n. 4. Julho de 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O socialismo na América Latina: a Revolução Cubana. In: **A aventura socialista no século XX**. São Paulo: Atual, 1999.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1998.

SADER, Emir. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Moderna, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOSA, Derocina Alves Campos. **A História Política do Brasil (1930-1946) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa e Estado Novo: do discurso nacionalista ao discurso democrático. In: ALVES, Francisco; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **Imprensa e história**. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 1997.